

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE

Formação em Psicopedagogia: Atendimento Clínico e  
Institucional

JULIA DE ALBUQUERQUE PALADINO

A ALMA NA APRENDIZAGEM: UMA RELEITURA DE CASO CLÍNICO  
À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

São Paulo

2016

JULIA DE ALBUQUERQUE PALADINO

A ALMA NA APRENDIZAGEM: UMA RELEITURA DE CASO CLÍNICO  
Á LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Monografia apresentada ao Curso de Formação em Psicopedagogia: Atendimento Clínico e Institucional do Instituto Sedes Sapientiae, para a obtenção do Certificado de Conclusão, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Eloisa Quadros Fagali e Prof.<sup>a</sup> Ms. Vera Maria Rossetti Ferretti

São Paulo

2016

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu paciente; sem ele nenhum desses aprendizados seria possível.

Agradeço a supervisão e leitura atenta, cuidadosa e generosa de Izilda Freitas Rolim, por todo apoio e confiança.

Às orientadoras de monografia e mestras Eloisa Quadros Fagali e Vera Maria Rossetti Ferretti, por toda orientação valiosa e fundamental para esse trabalho

Agradeço Celine Lorthióis pelo olhar, caminhos, danças e atividades.

Ao meu marido que sem ele eu não teria conseguido. Aos meus pais e familiares que me ajudam muito

À minha filha, por todo amor.

Gratidão!

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO 1- RELEITURA PSICOPEDAGÓGICA DE UMA EXPERIÊNCIA CLÍNICA VIVIDA.....	8
1.1	
Contextualização queixa e perfil psicopedagógico .....	8
1.2 - Queixa da mãe.....	8 1.
1.3 3 - Primeiros contatos psicopedagógicos.....	9 1.
1.4 4 -Avanços do ponto de vista cognitivo.....	11 1.
1.5 5 - Um trabalho psicopedagógico sistêmico: a construção em rede.....	12 1.
1.6 6 - Diálogos sobre a sexualidade.....	14 1.
1.7 7 - Enfoque no controle e alterações corporais.....	15 1.
1.8 8 - Diálogos com a sexualidade, medos e emoções.....	15 1.
1.9 9 - Dificuldades de aprendizagem e escrita.....	m15 1.
1.10 10 - A importância das mediações arteterapêuticas e abordagens holísticas.....	16
1.11	
1.12 CAPÍTULO 2- APROFUNDAMENTO DA ANÁLISE SOBRE INTERVENÇÃO CLÍNICA PSICOPEDAGÓGICA À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	17
1.13 2.	
1.14 1 - O valor da educação e a identidade com pais e educadores.....	17
2.2.- Tipos de personalidade de Jung e derivações dos estilos cognitivo-afetivo.....	18
2.3 - Aprofundamento em estilos de aprendizagem afetivo-cognitivos com foco no estilo imaginativo .....	20
1.15 2.4 - O tipo intuitivo introvertido: qualidades e desafios.....	23
1.16 2.5 Dificuldades e avanços da aprendizagem: a relação transferencial e contratransferência .....	25
2.6 - O projeto psicopedagógico: realização de um livro sobre dragões.....	28
2.7- As imagens arquetípicas que se apresentam na experiência psicopedagógica .....	28
CAPÍTULO 3- RECURSOS DE ARTETERAPIA E O OLHAR DA PEDAGOGIA PROFUNDA CAMINHOS AUXILIARES NO PROCESSO PSICOPEDAGÓGICO.....	32
3.1- Pedagogia Profunda.....	32
3.2-A arte na visão da psicologia analítica.....	35
3.3- Criatividade e educação.....	37

3.4- Elaborações analíticas a partir das representações simbólicas expressas na narrativa do paciente.....	37
3.5- o que se revela em relação ao estilo cognitivo-afetivo?.....	40
3.6- Conceitos básicos em arte terapia e apresentação de alguns recursos utilizados.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

## Introdução

Em meus atendimentos como psicóloga e psicopedagoga, optei por encaminhar minha prática utilizando diversos elementos artísticos e estudando o processo com a psicologia analítica. A arte sempre foi fundamental em minha vida e a teoria fundada por Jung é a que mais se adequa ao meu modo de ver o mundo. A partir desta base, iniciei minha formação em psicopedagogia. Essa abordagem ampliou meus horizontes e revelou muitos desafios, trazendo a problemática da aprendizagem. Em paralelo a psicopedagogia no Instituto Sedes Sapientiae, fiz uma formação em pedagogia profunda onde pude aprender práticas de trabalhos manuais, relaxamento, dança e praticar o autoconhecimento voltado para melhorar a relação com crianças. Com isso, fortaleci meu posicionamento crítico frente ao sistema de ensino tradicional, mas também percebi a necessidade de ajudar crianças e adolescentes em suas dificuldades escolares. Para promover essa melhoria na aprendizagem dos pacientes, desenvolvi ferramentas ligadas à expressão. Surgiram a partir daí diversas questões que pretendo abordar no presente trabalho. Este trabalho busca abordar a psicopedagogia no seu aspecto de intervenção clínica. Durante minha prática clínica realizada na clínica psicológica do Instituto Sedes Sapientiae<sup>1</sup>, o vínculo ensinante/aprendente me trouxe reflexões e questionamentos. Pretendo assim, analisar o processo psicopedagógico realizado com o paciente Mário<sup>2</sup> no que diz respeito ao vínculo transferencial e aos produtos de seus atendimentos. Irei utilizar como embasamento teórico a psicologia analítica de C. G. Jung e seus seguidores. Pretendo também me aproximar dos recursos e função da arte terapia e do olhar da pedagogia profunda para a criança. Essa abordagem me trouxe conhecimentos importantes que ajudaram na formação de vínculo e no surgimento de um espaço autoral do paciente. A pedagogia profunda é uma abordagem idealizada por Céline Lorthiois que se baseia na noção de homem da psicologia analítica, utiliza trabalhos artísticos, artesanato, danças circulares e trabalhos corporais. Esta linha busca englobar o aspecto espiritual e anímico do ser humano, oferecendo um olhar de profundo respeito e reverência perante a criança e seu processo de aprendizagem. Os adultos principalmente os educadores - devem realizar um trabalho de autoconhecimento para

1 Prática Clínica que teve a duração de dois anos (setembro de 2014 a setembro de 2016). 2 Mário – nome fictício do paciente, para preservar a privacidade e por razões éticas e legais.

6

estar disponíveis para receber a criança na sua totalidade, acolhendo e oferecendo formas de expressão. Neste sentido, a arte tem um papel imponente. A problematização da pesquisa se dá a partir de uma experiência clínica onde pude experimentar diversos recursos aprendidos na formação em psicopedagogia e pedagogia profunda. A partir daí as questões norteadoras de um trabalho teórico-

prático se colocam: quais são as transformações que se operam na relação ensinante/aprendente quando se forma o vínculo? Qual é o papel do não verbal, mais especificamente, da expressão artística e dos trabalhos manuais na aprendizagem? Como trabalhar com o estilo imaginativo criativo e intuitivo em um contexto clínico? Uma das hipóteses fundamentais refere-se à importância da criação de vínculo entre paciente e terapeuta, este momento é facilitado através da construção de um olhar sensível para a criança, e de uma validação do seu desejo. Outra hipótese importante refere-se à autoria de produtos artísticos e de trabalhos manuais. O que a criança revela pode ser base para a construção de um conhecimento significativo para ela. Existe um caminho onde uma experiência motivada pelo desejo e pela vontade da criança se torna base para a aquisição de conhecimento. Essa passagem permite a transformação do subjetivo em símbolo. A partir daí o psicopedagogo pode direcionar, através do trabalho com projetos, uma produção de linguagem oral, escrita, matemática; criando assim, uma metodologia de pesquisa e construção de sentido. No capítulo I apresentarei o caso, desenhando um percurso das sessões de atendimento e salientando os pontos mais importantes, crescimentos e desafios das sessões, trabalho em rede com a escola, terapeuta e família e a formação do vínculo. No capítulo II farei uma análise deste caso sob a luz da psicologia analítica, com ênfase nos processos transferenciais, nos arquétipos envolvidos e nos tipos afetivocognitivos. É importante notar que C. G. Jung não se aprofundou em temas educacionais e nem falou especificamente do desenvolvimento psíquico infantil. Por isso, utilizarei a literatura de Nise da Silveira para apontar onde Jung iniciou essa discussão sobre educação. Com efeito, para apresentar alguns conceitos da psicologia analítica, utilizarei textos do próprio fundador da psicologia analítica além de Von Franz. Murrey Stein, Nise da Silveira e Eloisa Quadros Fagali. Para explorar a questão transferencial que ocorre no vínculo psicopedagógico, me valho das pontuações do autor Cláudio Saiani, pois este parece ter realizado um trabalho pioneiro aplicando os conceitos da psicologia analítica em relações educacionais.

7

No capítulo III colocarei a importância da arteterapia no contexto do atendimento psicopedagógico. A partir da análise de uma produção de texto de Mário, podemos perceber o quanto a arte pode auxiliar na aprendizagem e na compreensão deste paciente. Apresento alguns outros trabalhos de arteterapia que foram realizados ao longo das sessões e que foram importantes para o processo. O embasamento sobre arteterapia se dá a partir de Jung, Silveira, Fransisquetti, Fagali e Duarte. Apresento a visão que a psicologia profunda de Lorthiois traz sobre a criança no geral e especialmente oferece um caminho de compreensão sobre o comportamento destrutivo e aparentemente caótico que elas apresentam. Finalizarei este capítulo colocando a importância do educador se trabalhar e se conhecer para estar em sintonia com a criança. Por fim, faço uma conclusão deste trabalho com o objetivo de

sintetizar o que foi escrito e levantar algumas hipóteses para as questões que foram introduzidas, além de caminhos para estudos futuros.

8

## Capítulo I

### RELEITURA PSICOPEDAGÓGICA DE UMA EXPERIÊNCIA CLÍNICA VIVIDA.

O caso escolhido para a releitura psicopedagógica de uma experiência clínica referiu-se ao atendimento que desenvolvi no estágio psicopedagógico clínico em que atendi um garoto desde outubro de 2014 até setembro de 2016. A apresentação deste caso será feita utilizando o nome fictício Mario. Ele foi muito importante para minha formação, pois foi o primeiro paciente que tive como psicopedagoga; neste período de atendimento pude observar um grande amadurecimento de sua personalidade e uma grande aquisição de conhecimento. Neste capítulo irei apresentar alguns dados sobre nosso percurso, já trazendo uma primeira parte da releitura psicopedagógica. No capítulo que segue complementarei com alguns aprofundamentos com foco nas concepções analíticas de Carl Jung.

#### 1.1 Contextualização queixa e perfil psicopedagógico

Mario entrou na clínica do Instituto Sedes Sapientiae aos 11 anos de idade. Ele frequentou um atendimento psicoterápico grupal durante o ano de 2014. Segundo a psicóloga responsável, este trabalho começou em função de apresentar certa “agitação motora”, certa sensibilidade com relação a temas sobre vida e morte e por desconhecer parte de sua história de vida. Percebeu-se também que a família o tratava como alguém que ainda não poderia saber sobre certos assuntos, apesar das constantes perguntas formuladas por Mário. Compreendemos que é percebido e tratado como “aquele que não sabe e que não tem maturidade” e reage dessa forma. Em outubro de 2014, Mário foi encaminhado para uma avaliação psicopedagógica.

#### 1.2 Queixa da mãe

Segundo a mãe, a queixa da escola se refere a problemas de aprendizagem principalmente nas áreas de escrita e matemática. Ela diz que tem boas professoras, mas

9

que está cansada de ouvir a mesma frase de vários profissionais “ele não aprende”, “ele não copia”. Segundo relato da mãe, na escola, Mario esquece o que aprende.

#### 1.3. Primeiros contatos psicopedagógicos



Analiso hoje ao fazer esta releitura psicopedagógica para apresentação da monografia de conclusão do curso de psicopedagogia que este trabalho psicoterápico grupal poderia ter seguido se não fosse uma incompatibilidade de horários. Ele então foi encaminhado para psicoterapia individual. Encaminhamento que me parece favorável tendo em vista nossas constatações de que os problemas de aprendizagem estão ligados às questões afetivas que estão sendo trabalhadas em psicoterapia. Quando começamos nosso trabalho, Mario me contou que gostava muito do atendimento em grupo. Suas respostas nos primeiros contatos terapêuticos psicopedagógicos revelaram seu desinteresse frente ao objeto de conhecimento e uma postura e discurso de negação do seu próprio saber. Como Mario estava extremamente desmotivado e com uma defasagem considerável em relação aos conhecimentos esperados para sua idade, iniciei um trabalho psicopedagógico atenta ao que despertava maiores interesses deste aprendiz, buscando integrar o aspecto afetivo (interesse, motivação) e o cognitivo (desempenho nas operações mentais e tarefas de aprendizagem). Logo no início do atendimento, a mãe contou que a escola propôs que em 2014 ele ficasse retido no quinto ano. Desta forma ele poderia continuar na mesma escola. Caso contrário ele teria que mudar para uma escola com ensino fundamental II e ter um acompanhamento mais longo de sua evolução pedagógica. A mãe concordou, pois ela mesma havia repetido o quinto ano e disse para seu filho que seria melhor para ele. Este concordou, sem muitos questionamentos. Na época, estávamos no começo do diagnóstico psicopedagógico iniciando a prática de estágio clínico e não era ainda possível termos muita clareza sobre as capacidades afetivas e cognitivas do paciente. Minha postura com base nas orientações de supervisão foi concordar sobre a necessidade da repetição de ano e de manter um apoio de orientação à escola, com diálogos com a diretora que conhecia muito bem o aluno e que ponderava que a retenção seria melhor para ele.

10

Durantes as sessões psicopedagógicas percebi, ao longo do ano de 2015, Mario amadureceu bastante, conseguiu lidar melhor com as relações interpessoais no contexto escolar, saindo do isolamento e mantendo um amigo mais próximo na escola. Avaliamos, portanto, que foi positivo para ele ter ficado mais um ano nessa mesma instituição. Em 2016 ele mudou de escola, passando a frequentar uma instituição maior e com novos colegas, ele demonstrou estar animado com o novo ambiente e relatou ter bons momentos de interação no time de futebol e com amigos da sua sala. Em relação as suas adaptações ao novo contexto, apesar de continuar com dificuldades de aprendizagem, pareceu se acomodar criativamente à nova rotina e vida social. Pude observar que existia uma demanda da mãe em buscar um suporte terapêutico para ela própria, pois em todas as entrevistas que realizei, notava uma grande necessidade de falar sobre suas questões pessoais, sobre seu relacionamento com o filho e principalmente com o pai de Mario; eles eram apenas namorados

quando a mãe engravidou. O pai custou a assumir a paternidade e só o fez depois que a mãe lhe apresentou um exame de DNA. Ela diz que não precisava de nenhum exame por que “Mario é a cara do pai”. O casal não chegou a morar junto e o pai acabou assumindo uma pensão básica para ajudar a mãe, afetivamente se mantém distante, mas não é completamente ausente já que Mario relatava que ia visitá-lo com certa regularidade. A mãe sempre dizia que necessitava de apoio psicoterápico, mas, por questões institucionais da clínica em relação à fila de espera, demorou alguns meses para conseguir um terapeuta no horário possível para ela. Quando isso ocorreu, a mãe não se manteve constante, pois faltava bastante e logo depois conseguiu um emprego que impossibilitou continuar seu tratamento. A mãe ficou desempregada no final de 2015, fato que gerou sua desorganização em função das suas condições emocionais e das dificuldades financeiras. A clínica concedeu, devido a estas dificuldades financeiras, uma bolsa para o atendimento do seu filho e também uma ajuda com o transporte. Houve períodos de muitas faltas. Existia um complicador que era o fato deles morarem em outro município dos arredores de São Paulo, dificultando os deslocamentos até a clínica. Em outros momentos ocorreram questões de saúde ou faltas por terem priorizado outros compromissos. Essa falta de compromisso e assiduidade alteravam o ritmo e fluência dos atendimentos. Esse compromisso é importante para garantir a assimilação e acomodação necessária ao processo de aprendizagem, integrando aspectos afetivos e cognitivos, porém, a mãe de Mario demonstrava dar muito valor aos atendimentos no

11

Sedes e tentava manter a continuidade apesar destas flutuações em relação à presença do paciente nos atendimentos psicopedagógicos. No encontro terapêutico foi possível criar um vínculo de escuta e respeito muitas vezes necessário ao acolhimento materno terapêutico, mobilizando situações prazerosas possibilitadas pelo humor que Mario demonstrava com o relato de “piadas”, principalmente do tipo escatológicas. Manifestou traços de empatia e afeto positivos projetados ao terapeuta, nos diálogos que se apresentavam. Durante as sessões, não raro ele trazia um "segredo" para me contar, sendo que estes se referiam a intenções e ações em relação aos amigos e animais que ele diz ter de estimação. Às vezes expressava seus planos e trajetos de ida aos lugares que ele dizia ter ido sem ninguém saber. Em diversos momentos ele expressava a falta do pai, carregado de emoção com um tom de voz que revelava tristeza, tanto quando falávamos nesse assunto, quanto quando trabalhávamos com jogos simbólicos associados à dinâmica familiar ou integrantes familiares, ressaltando a importância do pai e a sua ausência. É relevante destacar que Mario nunca morou com seu pai e sempre mantiveram uma relação distante. A mãe de Mario fala do pai como uma pessoa desinteressada pelo filho e negligente em certos momentos. Essas reclamações se agravavam quando se referia à outra recente companheira do pai. Mario expressava gostar de visitar o pai, mas comentava que se

sentia confuso com sentimentos ambíguos de amor e ódio em relação a essa outra mulher que vivia com seu pai, pois, segundo seu relato, ela não tratava bem o garoto. Queixas do cliente que nos remetem às suposições sobre a psicodinâmica sombria da Grande Mãe (bruxa, madrasta) que intervia na relação amorosa paterna, aspectos que analisei mais profundamente na releitura psicopedagógica desta monografia, com base nas conceituações de Carl Jung.

#### 1.4 Avanços do ponto de vista cognitivo

Mario chegou às primeiras sessões com pouca fluência na leitura, escrevendo com trocas de letras, omissões e espelhamento. Um ano depois ele já estava com mais domínio sobre a escrita, sem espelhamentos, porém com muitos erros ortográficos. Atualmente, Mario lê com uma boa fluência, apesar de não respeitar a pontuação. Passou a escrever com mais facilidade e aprendeu a fazer a letra cursiva. No geral, Mario apresentou um bom domínio sobre a técnica de leitura e escrita. Porém, escrevia pouco (cerca de dez palavras em média) e com muitos erros ortográficos.

12

Demonstrou seu interesse por livros e histórias, mas lia com lentidão, raramente conseguindo chegar ao fim de uma página de texto. Apresentava dificuldade em interpretação de texto, mas conseguia acompanhar uma história simples. Desta forma, pude constatar no diagnóstico que Mario era alfabetizado, mas não letrado, já que a apropriação da escrita é um processo complexo e multifacetado, que envolvia tanto o domínio do sistema alfabético-ortográfico quanto a compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas (Val).? Do ponto de vista cognitivo, ao longo de quase dois anos de atendimento, pude observar um grande salto de aprendizagem de Mario. Ele mudou sua postura nas sessões. No início, fazia várias brincadeiras de pular, correr, deitar e se jogar, com uma atenção muito dispersa. Com o passar do tempo ele foi se concentrando mais, contendo e articulando melhor suas elaborações e pensamentos, fazendo mais contato visual e ficando mais à vontade.

#### 1.5. Um trabalho psicopedagógico sistêmico: a construção em rede

Visitei a escola de Mario com objetivo de colher dados sobre seu comportamento no ambiente escolar e procurar construir uma rede de apoios mútuos recíprocos. Conversei com as professoras que o acompanharam no quinto ano, além de conhecer alguns outros professores que também conviviam com ele no recreio. As professoras diziam que Mario não se relacionava com crianças de sua idade e que tinha um comportamento opressor com os menores ou com seu colega que é aluno “de inclusão”. Disseram que ele chorava quando contrariado e que tinha dificuldade de se expressar em situações de conflito. No final de 2015, existia uma forte preocupação com sua transferência para outra escola, pois ele teria exigências maiores no ensino

fundamental II e não teria o acompanhamento que teve nesta escola; a preocupação se referia ao fato de que ele teria muitos professores diferentes e mais colegas. As professoras contaram que a mãe de Mario, era muito presente e participativa, mas que não aceitava muito as críticas. Em 2016 Mario mudou de escola, que visitei com o intuito de levar algumas informações importantes sobre seu histórico; dialoguei com a coordenadora. Foi muito significativo este contato, pois eram muitos alunos por classe e eu pude levar mais dados individuais sobre Mario ressaltando suas capacidades apesar das dificuldades e ampliando a percepção dos educadores.

13

“Procedimentos psicopedagógicos: da narrativa ao desenvolvimento da escrita” e “construções matemáticas: manejo possibilitado pelas referências cognitivas-afetivas do estilo imaginativo intuitivo” Mario se expressava verbalmente (no nível oral) com muita facilidade, gostava muito de narrações. Muitas de suas histórias são adaptações feitas com sua própria autoria recriando os contos de filmes fantásticos ou videogames, demonstrando ter características próprias do estilo cognitivo imaginário intuitivo, se utilizando muito de sua imaginação e de metáforas. Nas suas narrativas apareciam sempre tesouros, monstros e lutas. O procedimento de intervenção psicopedagógica partiu da exploração dos símbolos, metáforas e da imaginação, em consonância com o que Mario apresentava em sua personalidade supostamente alinhada com o estilo cognitivo efetivo imaginativo. Ele apresentou grande desenvoltura em relação as capacidades imaginárias e criativas. É importante destacar que esta diferenciação de estilos cognitivos-afetivos ficou ainda mais evidenciada e confirmada nas releituras atuais psicopedagógicas apresentadas na presente monografia. Desenvolvi junto ao paciente um projeto enfocando a questão da alfabetização. Essa decisão foi tomada a partir do diagnóstico onde pude observar algumas dificuldades importantes nessa área. Iniciamos então uma pesquisa considerando os símbolos que ele expressava sobre dragões e dinossauros. Este tema foi trazido por ele e eu sugeri que fizéssemos um “livro de dragões” com nome, Energia e Poder de cada um. Tivemos momentos de dispersão e recusa por parte do paciente e outros de maior foco no projeto. Pesquisamos dragões, fizemos atividades artísticas. Ele escreveu algumas características deste animal e contou muitas histórias. Na área da alfabetização, praticamos a leitura e escrita de palavras difíceis através do jogo Super-Trunfo de dinossauros. Pude chamar a atenção dele para a inversão de algumas letras e fizemos o exercício de escrever as letras na areia, explorando também as características próprias das experiências sinestésicas em busca do estar com o pé no chão, aspecto muito próprio da função sensorial predominante no estilo sensorial sinestésico que parecia ser necessário desenvolver melhor em Mario por ser algo que se opõe a sua capacidade intuitiva. O estilo sinestésico-sensorial parecia estar ainda pouco desenvolvido situandose como função inferior do paciente que possuía um estilo intuitivo imaginário (Fagali, 2010). Na área de matemática, trabalhamos com

valor posicional, soma de dados e contagem de pontos. Este trabalho com números só foi possível por conta do jogo

14

Super-Trunfo. Mario sempre recusou os jogos que eu levava para ele, o único jogo que ele gostou de jogar foi este de disputa entre cartas. Mas fomos além com foco nos símbolos e metáforas que ele manipulava muito bem: jogamos Super-Trunfo dos dinossauros, robôs e caminhões. Depois de algum tempo, Mario passou a se sentir à vontade nas sessões, contando fatos significativos, expressando sentimentos mais facilmente, mesmo que negativos contra mim ou contra sua família e escola. Percebi que ele estava passando pela fase da puberdade, e que emergiam as confusões de identidade próprias desta fase em que há alterações do corpo e das emoções. Ele sempre trazia a imagem do “vulcão” como algo que o fascinava. Acreditava que este “vulcão” estava dentro dele. Progressivamente, foi abandonando suas brincadeiras de infância e se interessando por temas da adolescência. No entanto, apresentava uma grande imaturidade em relação a não se responsabilizar e se comprometer com o que precisaria fazer para lidar com sua vida prática, com o cotidiano e tarefas. A postura de desinteresse e desvalorização de seu saber era muito nítida, pois em todas as atividades propostas durante os atendimentos ele dizia que não sabia fazer por que não queria, demonstrando querer lidar apenas com o princípio do prazer. Essa atitude influenciava na sua disposição para aplicar e desenvolver habilidades cognitivas e operações mentais para resolver problemas.

#### 1.6 Diálogos sobre a sexualidade

No final de 2015, pude perceber que Mario estava muito interessado em temas referentes a sexualidade. Em uma conversa com a mãe, ela relatou não saber lidar com esse assunto. Ela dizia que “tudo o que ele pergunta eu respondo”. Eles tinham um diálogo sobre isso, mas o filho buscava vídeos na internet por conta própria. Mario percebia que tinha uma pessoa da família muito próxima que era homossexual e esses são temas delicados para a família. Eu ofereci alguns livros sobre sexualidade para Mario ele, disse ter lido, mas não trouxe nenhum questionamento. Este assunto permeou nossas sessões, no entanto, como ele estava em psicoterapia, supunha que ele tinha esse outro espaço para trabalhar sua sexualidade. A mesma coisa ocorreu em relação a alguns sintomas psicológicos importantes, mas que também supunha que não tinha espaço no setting terapêutico psicopedagógico, principalmente quando ele era atendido também no setting psicoterápico.

15

#### 1.7 Enfoque no controle e alterações corporais

Mario mudou muito fisicamente ao longo destes dois anos de atendimento,. Ele cresceu em estatura, a voz ficou mais grave e ele parou de se mover com atitudes mais infantis de correr e pular para estar em uma postura mais relaxada na cadeira. Todas essas mudanças são características da puberdade e foram acompanhadas e explicitadas nas sessões. Um fato que mereceu atenção foi o que a mãe de Mario contou em relação a enurese, pois com esta idade ele ainda faz “xixi na cama”. Ela contextualizou dizendo que o pai e a irmã mais velha tiveram o mesmo sintoma até os dezoito anos Não tive muitos recursos para trabalhar com essa situação que provavelmente era também foco na psicoterapia. Supõe-se que Mario esteja em processo intenso de mudança corporal e amadurecimento psíquico; isso se observa a partir do crescimento de seu corpo, sua voz engrossando e do afloramento de desejos e curiosidades acerca do sexo oposto.

### 1.8 Diálogos com a sexualidade, medos e emoções

Em 2016 percebi que os interesses de Mario agora, além da sexualidade e das meninas, estão focados em jogos de computador, esportes, dinossauros, armas de cavaleiros e piadas ou programas de humor como Chaves. Acredito que esses são temas pertinentes a sua idade. Ele está amadurecendo em relação a suas emoções, podendo se colocar mais perante seus familiares, expressando com mais clareza seus medos e emoções. Muito Bom!

### 1.9 Dificuldades de aprendizagem e escrita

Mario ainda apresentou déficit na aprendizagem, com dificuldade em ortografia, leitura de pontuações e de algumas palavras. O ponto que considere mais difícil de lidar nos atendimentos é o fato de que muitas vezes Mario parece refugiar-se neste universo mágico de histórias e jogos. Ele se nega a realizar algumas das atividades propostas e acaba sempre deslocando sua atenção para contar algum fato de sua vida ou para contar histórias fantásticas. Suas narrativas raramente possuem uma linearidade associada ao pensamento lógico da linguagem. Seu enredo é confuso, aspecto que é muito presente

16

nas expressões de linguagem de pessoas com estilo imaginativo intuitivo. Os personagens não são aprofundados e muitas vezes morrem logo depois que surgem na história não abrindo espaço para reparações compensatórias. Um aspecto importante das intervenções psicopedagógicas foi valorizar essas histórias e procurar ajudá-lo a desenvolver mais a habilidade de contá-las, busquei apresentar muitas referências literárias e de tradição oral. Fizemos algumas encenações com bonecos para que ele ficasse mais à vontade para contar as histórias. Frisei a importância de escrever, me oferecendo para ser sua escriba e ajudando na elaboração do texto, mas ele sempre demonstrou muita resistência e muitas histórias se perderam.

## 1.10 A importância das mediações arteterapêuticas e abordagens holísticas

Foi fundamental trabalhar com recursos artísticos, me valendo da arteterapia para acessar o sujeito autor do paciente, levando-o a experimentar um pouco o papel de professor (ele me ensinou muito sobre dragões). Outro aspecto importante deste trabalho foi o olhar da pedagogia profunda para o processo de individuação da criança. No capítulo III, as elaborações se aprofundam em relação a análise da experiência psicopedagógica com Mario, considerando os conceitos analíticos de Carl Jung sobre o processo de individuação, arquétipos do herói, transferência. Farei também uma retomada sobre as derivações psicopedagógicas dos tipos personalidade de Jung aprofundando nos diferentes estilos cognitivos-afetivos, com especial destaque no estilo imaginário intuitivo que Mario apresentava como característica predominante em função da forma de lidar com a linguagem, com a história e com suas defesas e capacidades mentais, considerando o processo do aprender e as dificuldades específicas.

17

## Capítulo II

### APROFUNDAMENTO DA ANÁLISE SOBRE INTERVENÇÃO CLÍNICA PSICOPEDAGÓGICA À LUZ DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Neste capítulo trato da análise do processo psicopedagógico vivido por mim e pelo meu paciente a partir da psicologia analítica fundada por Carl Gustav Jung.

#### 2.1 O valor da educação e a identidade com pais e educadores

É importante colocar que Jung não se aprofundou exatamente em temas ligados ao aprendizado, mas fez alguns apontamentos relacionados aos tipos de educação que recebemos ao longo da vida e do percurso individual no sentido de um desenvolvimento total da personalidade. Posteriormente, outros autores desenvolveram teorias trazendo a colaboração da psicologia analítica para a educação. Segundo Silveira (2000), Jung ressalta que o que educa fundamentalmente a criança é a vida dos pais; não suas palavras e gestos, mas sim o exemplo. Este tipo de educação (o mais importante de todos) pode processar-se inconscientemente; a criança se identifica com o mundo a sua volta e especialmente com os pais. Por tanto, a vida psíquica infantil está profundamente ligada aos progenitores ou aos seus cuidadores. Essa conexão é tão profunda que segredos dos adultos afetam as crianças e geram sintomas, apesar da tentativa dos pais de não expor seus problemas para elas.

Evidentemente os mestres, ao lado dos pais, desempenham papel muito importante nesta fase da educação pelo exemplo. As crianças, observa Jung, possuem um instinto espantoso para descobrir as insuficiências do educador. "O pedagogo deveria estar

atento a seu próprio estado mental para verificar de onde provêm as dificuldades que encontra com as crianças que lhe são confiadas. Pode muito bem acontecer que seja ele a causa inconsciente do mal”. Portanto, pais e mestres são chamados a se conhecerem a si próprios, a se educarem a si próprios. Os métodos, as experiências antigas e as novíssimas no campo da educação dependeram e dependerão sempre, em primeiro lugar, daqueles que as conduzem. (Jung apud Silveira, [1978]2000, p.162)

18

No caso de meu paciente e sua família, logo pude perceber a relação de seu sintoma de “não aprender” o conteúdo escolar com o lugar de “aquele que não sabe e não tem maturidade para saber”, desqualificação que sua mãe e avós projetavam nele. Segundo Silveira, Jung coloca claramente alguns perigos relacionados à educação coletiva, protagonizada por instituições educacionais, religiosas e do estado. Este tipo de educação processa-se conforme regras e métodos pré-determinados e genericamente busca criar pessoas úteis à sociedade. No entanto os sujeitos podem ser levados a terem atitudes que não correspondem ao seu verdadeiro eu, mas sim a uma determinação externa; em casos extremos, pode levar à criação de massas acrílicas manipuladas por ditadores. Neste sentido, gostaria de frisar uma crítica às condições precárias da educação pública no Brasil, onde é praticamente impossível se ter um acompanhamento mais individual em sala de aula, devido à grande quantidade de crianças por turma. Além disso, o próprio sistema, com sua tendência de programas de ensino e avaliações padronizados, não permite que o professor, que não é valorizado em nosso país, possa ter a atenção diferenciada sobre seus alunos, apesar das tentativas atuais do respeito às diferenças e à inclusão. Este problema se reflete diretamente nas crianças com mais dificuldades, como no caso do meu paciente. Ele teve um bom acompanhamento em sua escola de ensino fundamental I, foi-lhe dado um apoio individualizado na parte pedagógica, mas no aspecto afetivo e de socialização não foi possível dar a devida atenção considerando suas relações interpessoais no grupo e abertura para sua autoexpressão. Com a mudança para o fundamental II, houve uma grande alteração de escola, com mais alunos e novas exigências dos professores e programas. Ele parecia se adaptar bem, mas ainda permanecia muito abaixo do rendimento escolar e com dificuldades sérias de relacionamento com os colegas.

Jung ressalta que a maior ênfase deveria ser colocada na educação individual onde as regras, os métodos e princípios estão subordinadas ao objetivo de permitir que o indivíduo se desenvolva em suas características únicas e singulares (Silveira, [1978]2000).

## 2.2. Tipos de personalidade de Jung e derivações dos estilos cognitivo-afetivos



Outro aspecto que Jung destaca refere-se ao tipo psicológico da criança, ou seja, as diferenças da dinâmica da personalidade com atitudes introvertidas ou extrovertidas, ou

19

predominâncias das funções do pensamento ou do sentimento, do sensorial ou do intuitivo. A educação, portanto, deve levar em conta os alunos com diferentes atitudes e aptidões e não, por exemplo, forçar que uma criança seja introvertida ou seja extrovertida, ou aprenda considerando apenas a predominância de uma capacidade intelectual em função dos padrões culturais de uma família, escola ou sistema educacional. Acredito que o espaço clínico psicopedagógico seja um lugar privilegiado para que se dê essa atenção à dinâmica psíquica individual e se fortaleçam as atitudes e capacidades mais destacadas no aprendiz, sem deixar de trabalhar também suas dificuldades e as capacidades que precisam ser desenvolvidas. Infelizmente, essa abordagem privilegiada é dada após a ruptura do processo de aprendizagem. Jung formulou sua teoria dos tipos psicológicos a partir de 1913, mas seu livro com este título foi lançado em 1921. Segundo Von Franz (1990), nesta época Jung ainda lidava com o desconhecido, já que haviam muitos pontos ainda não desenvolvidos em seu pensamento, posteriormente esta teoria ganhou força e reconhecimento mundial.

Em primeiro lugar, Jung diferenciou dois tipos de atitudes que são opostas entre si:

O conceito de extroversão e de introversão baseia-se na maneira como se processa o movimento da libido (energia psíquica) em relação ao objeto. Na extroversão a libido flui sem embaraços ao encontro do objeto. Na introversão a libido recua diante do objeto, pois este parece ter sempre em si algo de ameaçador que afeta intensamente o indivíduo. Mas, em movimento de compensação, uma corrente energética inconsciente retrocede para o sujeito na extroversão e, na introversão, um fluxo de energia inconsciente está constantemente emprestando energia ao objeto. Portanto, vista em seu conjunto, verifica-se na circulação da libido, um movimento inconsciente de introversão naqueles cuja personalidade consciente é extrovertida, e um movimento inconsciente de extroversão naqueles cuja personalidade consciente é introvertida. Extroversão e introversão são ambas atitudes normais. Claro que a introversão em grau exagerado tornar-se-á patológica, do mesmo modo que a extroversão excessiva será também característica de estado mórbido (Silveira, [1978]2000, p.46).

Somando-se a essas duas atitudes, existem quatro funções que determinam como o indivíduo se adapta ao mundo. São como espécies de pontos cardeais que a consciência usa para fazer o reconhecimento do mundo exterior e se orientar. Duas delas são

20

racionais: Pensamento e Sentimento; e duas irracionais: Intuição e Sensação. As funções se combinam com as atitudes formando oito tipos psicológicos principais. Há sempre uma oposição, ou seja, não existe unilateralidade nas situações. Sempre que um aspecto entra na consciência, o seu oposto está inconsciente. Desta forma, existe sempre uma função inferior e outra superior. A função superior estaria mais na consciência, ela representa a forma do sujeito lidar com facilidade com as situações. Existem também as funções auxiliares que recebem esse nome por ajudarem a função superior a exercer seu papel, servindo também como mediador para a relação com a função inferior. A função inferior é aquela que faz a relação do real com o desconhecido, fazendo uma ponte do consciente para o inconsciente; este podendo estar no interior ou no exterior (Fagali). Ela é lenta, infantil e tirânica, insiste em permanecer embaixo, esta função está sempre carregada de emoção e é o fator que mais apavora o indivíduo (Von Franz, 1990). Segundo Von Franz, há uma tendência na sociedade de valorizar a função superior que se apresenta logo na infância. Por exemplo, um garoto com facilidade para matemática e física irá seguir este caminho até se tornar um profissional da área. Isso tem um lado bom, muitos se adaptam e fortalecem seu tipo psicológico sem muitas crises. Mas há aqueles que, por imposição familiar ou social, são forçados a ter um tipo diferente da sua natureza. Vivendo um conflito por ter um tipo distorcido, esses sujeitos devem, segundo a teoria da individuação, voltar para seu tipo original na segunda metade da vida. Eu observo que a escola tradicional valoriza muito a atitude extrovertida e o tipo pensamento ou sensação. Já que existe uma forte expectativa que o aluno saiba falar em público, tenha uma boa interação com os colegas, tenha aptidão em resolver problemas e provas de saberes objetivos. Uma criança, como o meu paciente, que demonstra ter fortes traços introvertidos e intuitivos, provavelmente terá dificuldade em alguma área da socialização e da aprendizagem em uma escola tradicional. Ele terá que desenvolver uma função auxiliar que o ajudará a se adaptar.

### 2.3 Aprofundamento em estilos de aprendizagem afetivo-cognitivos com foco no estilo imaginativo

Fagali pesquisou sobre os desdobramentos dos tipos de personalidade nas manifestações dos estilos cognitivo-afetivos do ponto de vista psicopedagógico, considerando as operações mentais, interesses e defesas dos aprendizes. Com base nas conceituações de

21

libido segundo Jung, Fagali ressalta que o aprendiz direciona a libido (energia) de forma a configurar no nível consciente um jeito de ser e de aprender, acionando capacidades cognitivas diferentes e mobilizando segundo diferentes interesses em relação ao objeto de aprendizagem. Estes movimentos distintos podem definir uma modalidade de ser e de aprender. Fagali, no entanto, não se fixa nas classificações dos

tipos, e busca um enfoque mais fenomenológico considerando as configurações dos diferentes estilos que podem alterar diferenciando os tipos de atenção, memória, formas de pensar e de expressar, interesses e defesas ao lidar com a linguagem, a construção do pensamento utilizando diferentes inteligências. Estes referenciais cognitivo-afetivos são muito significativos para a compreensão, avaliação e manejo do psicopedagogo nas situações terapêuticas e de aprendizagem em geral.

Ao buscar indicadores sobre os estilos cognitivo-afetivos usei também a abordagem multi-referencial. Portanto considerarei três referências básicas:

I- As funções de contato de Jung e atitudes elaboradas na sua tipologia, articuladas com as inteligências de Gardner;

II- As modalidades de aprendizagem da Alicia Fernánde, que busca articulações entre a teoria de Piaget e os conhecimentos psicanalíticos;

III- Referências oferecidas pela Gestalt-terapia, ao identificar as diferentes formas das pessoas se contatarem, reativando suas defesas, na dinâmica relacional com o outro;

Os diferentes estilos derivados dessas reflexões não necessariamente são excludentes, podendo manifestar-se de forma diversa. Nos diferentes contextos, o estilo de um referencial de estudo pode se complementar com algum estilo de outro referencial. Tentarei fazer essas aproximações, apesar de cada abordagem se basear em referências teóricas diferenciadas em relação ao foco sobre a dinâmica da personalidade. Todas, no entanto compartilham de uma visão integrada do homem e de uma abordagem plural e múltipla sobre o aprender e o pensar. (Fagali, 2010, pp.17-8)

A teoria dos tipos psicológicos de Jung e as derivações dos estilos cognitivo-afetivos com enfoque psicopedagógico se apresentam como relevantes indicadores que favorecem a compreensão e manejo terapêutico, constituindo um caminho para compreender melhor meu paciente. Saber, desta forma, quais atividades seriam mais fáceis para ele, quais seriam um desafio a ser trabalhado, considerando os tipos de

22

personalidade e derivações dos estilos cognitivo-afetivos. A partir da teoria dos tipos psicológicos de Jung e Fagali, pude constatar que o terapeuta ou o educador deveria sempre responder ao paciente ou ao aluno, em um primeiro momento, através da função principal (aquela correspondente ao tipo psicológico mais desenvolvido) desse paciente ou aprendiz, para estabelecer vínculos positivos. Caso contrário, a dinâmica se caracterizará como “desencontros” provocados pela transferência negativa. Foi a partir dessas reflexões em supervisão sobre o fenômeno transferencial que estava ocorrendo entre Mario e eu, e sua forte resistência ao processo que percebi que

estava encaminhando erroneamente as atividades. Pude então começar a discernir qual seria a modalidade principal de aprendizagem do meu paciente. A partir de seu discurso, interesses e algumas atividades dirigidas no diagnóstico, pude constatar que Mario utiliza muito a imaginação e faz uso de imagens simbólicas com frequência. Na presente pesquisa, consegui analisar teoricamente e embasar ainda mais minha hipótese de que ele tem o tipo intuitivo como principal. A partir da contribuição de Fagali, consegui encontrar um estilo de aprendizagem que se encaixa em muitas das suas características:

Estilo imaginativo introvertido: Manifesta-se com processos cognitivos apoiados no imaginário, na fantasia, nas metáforas e símbolos e tendem a fixar-se na fantasia e no devaneio com dificuldades de trazer para o real o presente e de expressar de forma que se acomode criativamente na realidade presente. Os aspectos afetivos se processam com muita influência da fantasia tendendo a mobilizar defesas que leve a pessoa a distanciar-se da realidade, criando outra. A intuição é muito desenvolvida e tem muitas características semelhantes ao estilo anterior com o diferenciar de que tendem a ser introvertidos e a não efetivação do processo de criar frente à realidade, devido ao excesso de idealização, de fantasias, ou por que são tomados por outras capacitações equivalentes àqueles dos chamados visionários (Fagali, 2010, p.20).

Fagali coloca que o estilo imaginativo introvertido se parece muito com o estilo imaginativo criativo exceto por essa fuga da realidade mais acentuada no introvertido. Meu paciente demonstra muitas vezes se esquivar de atividades e questões referentes a sua própria vida e interesse, o que me leva a crer que, nesta tentativa de definição, seria importante frisar a característica de fuga que ele apresenta. No entanto, listo a seguir algumas características do estilo imaginativo criativo que coincidem com a personalidade de meu paciente:

23

Estilo imaginativo-criativo: Manifesta facilidade em lidar com as imagens, com as improvisações e com a criação, que busca o novo, o inédito. As pessoas que tendem a manifestar esse estilo utilizam muito o que Morin denomina de pensamento relacional poético metafórico. (...) O analógico e metafórico se associa a uma forma de pensar e expressar que permite a compreensão e não a explicação em que utilizamos a intuição global e expressão simbólica que expressa o que está além do experimentado e do já conhecido, possibilitando a mediação do simbólico, das artes e do poético. “ As metáforas nos possibilitam uma ligação entre o concreto e o abstrato, fazendo pontes entre o imaginário e o real “ ( Morin, 1999:174 ) (...) As pessoas que manifestam preponderantemente esse estilo tendem a lidar com as criações e fantasias para sair das situações conflitantes, buscando o imaginário como defesa diante das ameaças do

real. As atividades não diretivas, criativas simbólicas, geralmente mediadas pelas artes geram motivações em pessoas que apresentam esse estilo. As relações que não aprisionam, não enfatizam em excesso o pragmatismo em concretização imediata são mais propiciadoras para o aprendiz que se manifesta no aprender com esse estilo (Fagali, 2010, p.20)

No aspecto cognitivo, o estilo imaginativo criativo possui uma memória global, não se prende em detalhes, fixa na visão do todo essencial. A atenção é exploratória, com associações imaginativas, capta o todo e as mensagens subliminares. O raciocínio em bloco ou rede buscando novas conexões, possui uma organização aparentemente caótica. Pensa através de metáforas e da imaginação, consegue fazer múltiplas associações e insights (Fagali, 2010, p.52-55).

#### 2.4 O tipo intuitivo introvertido: qualidades e desafios

Pretendo me aprofundar na descrição do tipo intuitivo introvertido por acreditar que esta função possui características que estão de acordo com a personalidade de meu paciente, pois ele demonstrou ser uma pessoa que apresenta predominantemente um estilo cognitivo-afetivo imaginário criativo introvertido; se interessa muito por épocas distantes, fantasiando histórias e foge do concreto e do aqui e agora com facilidade.

24

Apesar de ser possível perceber algumas atitudes determinadas, precisamos ter a consciência de que ele se encontra em um momento da vida de profunda mudança corporal e mental, devido à puberdade. Como atitude principal, ele é introvertido, já que demonstra ter uma atitude mais contemplativa, tímida e de fuga do objeto. Percebi isso através da constatação de que ele parecia sempre desinteressado, mesmo quando são atividades de seu gosto como o próprio “livro de dragões” ou trabalhos no computador, não quer “ter trabalho” quer terminar logo, ouvi muito dele a frase “não precisa” quando eu dizia, vamos escrever mais, ler novamente, desenhar, colar etc. Mario demonstrou não ter cuidado com suas produções, dizia que não sabia fazer muitas coisas e rapidamente perdia o foco. Acredito que mais do que uma atitude “rebelde”, Mario parecia ter muita insegurança; talvez tivesse medo da realidade e da relação dos outros frente a suas produções. A partir do acompanhamento, pude observar que Mario possui uma forte característica intuitiva: facilmente se perde em histórias fantásticas. Não raro faz observações sobre fatos do passado que marcaram sua vida e tem dificuldade de lidar com o concreto. Mario é um garoto extremamente imaginativo e muitas vezes disperso. Assim, a descrição do tipo intuitivo introvertido contempla alguns aspectos importantes da sua personalidade. O exterior interessa muito pouco a este tipo, já que sua função principal está voltada para o interior. As múltiplas exigências da realidade externa, quando em excesso, chegam a ser torturantes para esse tipo (Silveira, 2000). Segundo professores e familiares, Mario

parece realmente se sentir acuado em situações de sala de aula ou em atividades desafiantes. Não demonstrou interesse em se organizar com sua agenda de tarefas e entra em conflito com a mãe por conta de afazeres domésticos. Em parte, a sua imaturidade o impedia de ter um senso de responsabilidade, o seu tipo psicológico também não era favorável e sua posição familiar acabava por dificultar o seu amadurecimento. “Dentre os representantes mais puros do tipo intuitivo estão os feiticeiros que guiam suas tribos, os profetas de religiões altamente espiritualizadas e os artistas visionários” (Silveira, 2000, p.59). Mario parecia ter um grande interesse e idolatria por temas ligados a heróis e feiticeiros. Este tipo psicológico corre um grande risco de perda da noção de realidade. "Sem a intenção consciente de mentir, ele poderá criar histórias fabulosas, onde o prazer está justamente em fugir do real" (Silveira, 2000, p.58). Meu paciente demonstrou possuir essa grande facilidade para entrar em seus pensamentos e questões subjetivas, parecia sempre narrar os fatos de sua vida de forma vaga e subjetiva, porém, ele tinha falas com insights relacionados a falta do pai, aos seus

25

desejos e relações na escola. Este comportamento estava um pouco desequilibrado ao longo do processo psicopedagógico, denotando uma forte tendência ao abandono do real e de suas demandas. No entanto, é importante valorizar o estilo imaginativo ou a função predominante intuitiva, pois este se apresenta com grande capacidade imaginativa, com metáforas, possibilitando lidar criativamente nas adaptações com a realidade, se a atitude extrovertida for acionada. Essa postura é um grande desafio para o psicopedagogo, já que não existem muitos trabalhos realizados nesta área. Muitos pesquisadores e educadores parecem valorizar apenas o conhecimento intelectual. Pode parecer que o intuitivo não se interessa pelas atividades propostas e fica muito disperso. No entanto, é importante frisar que a intuição tem um papel fundamental na aquisição de conhecimento, a pessoa faz associações imagéticas e busca o novo através de sua intuição. Principalmente na infância, essa habilidade está muito presente, mas costuma ir se perdendo e ficando restrita às artes. Na aprendizagem, o intuitivo busca associações com imagens, para assimilar os conteúdos, busca a transformação, está sempre atento para o futuro, novidades e insights, possui um forte senso imaginativo. Quando em conflito, tem um olhar global e busca refugiar-se na sua própria moral (Duarte, 2011). Um sujeito intuitivo pode ser bastante resiliente (Duarte, 2011), ou seja, pode ser capaz de lidar bem com situações de crise, justamente porque tem uma ótima capacidade para vislumbrar saídas criativas, tem sempre um pé no futuro e almeja a liberdade de novas situações e relacionamentos. Enquanto o intuitivo extrovertido volta sua atenção totalmente para os objetos externos, o intuitivo introvertido volta sua energia psíquica para os objetos do inconsciente. Segundo Duarte, Jung coloca que para o intuitivo não há correlação entre os objetos internos e a realidade. Mas sim que eles entendem que esses objetos

fazem parte do inconsciente. Enquanto na atitude extrovertida a sensação não tem lugar, na atitude introvertida ela é uma função importante no sentido de reconhecimento de acontecimentos e situações. No entanto, "a intuição guia o sujeito para ampliar sua sensação e buscar novas explicações e vastas observações. Este tipo de personalidade está sempre farejando o novo, sem preocupar-se com o que acabou de conquistar" (Duarte, 2011). Meu paciente demonstrou possuir uma forte capacidade imaginativa. No entanto, suas habilidades e opiniões costumavam não ser valorizadas pela família e pela escola. Ele parecia sentir-se muito alheio às situações e muitas vezes "sem lugar". Ele ainda precisava desenvolver melhor seu ego para conseguir dar conta das novas

26

responsabilidades e possibilidades que a adolescência apresenta. Essa análise mais aprofundada só foi possível para mim quando uni alguns saberes fundamentais na minha formação como psicóloga e psicopedagoga.

## 2.5 Dificuldades e avanços da aprendizagem: a relação transferencial e contratransferência

Como já comentado no capítulo anterior, ao longo dos primeiros meses de atendimento, consegui construir um vínculo afetivo significativo e positivo com Mario. No entanto, ocorreram muitas situações em que ele apresentava resistências como negação para fazer as atividades ou a qualquer solicitação minha para realizar algo. Em algumas situações, chegou a se deitar no chão e colocar uma almofada na cabeça, num gesto de apresentar uma barreira ao que lhe era solicitado. Apresentava uma atitude frequente de ir em busca de um tipo de "refúgio" em seu mundo imaginário: um dos movimentos em direção à fantasia referia-se às narrativas de histórias fantásticas, como aventuras de dragões, com imagens de cavernas e competições associadas às guerras. As simbolizações e metáforas eram muito ricas e mostravam o quanto ele tinha o poder de imaginar e de criar por meio das expressões simbólicas, mas não explorava suficientemente estes recursos imagéticos, não concentrava ou não sustentava sua atenção, dando continuidade às suas narrativas. Negava-se a escrever, recontar e aprofundar as narrativas. As imagens flutuavam e se perdiam com a mesma facilidade com que eram criadas. Os personagens eram pouco trabalhados e o enredo não era planejado. Mario não se interessava por livros sem figuras, o que o impedia de ter acesso a histórias mais elaboradas e aos símbolos verbais. Ele manifestava uma grande falta de vontade de se implicar na resolução de problemas, de se debruçar sobre algum trabalho por um período mais longo do que alguns minutos. Todas as atividades e jogos eram realizados rapidamente, de um jeito egocentrado, sem preocupação da comunicação com o outro e sem atribuir importância sobre o que estava fazendo, emergindo apenas como uma atividade lúdica. Mario demonstrou também uma grande dificuldade de lidar com o pensamento lógico, fazer contas

mentalmente ou trabalhar com lógica das operações abstratas, mantendo-se ainda num plano das operações mentais concretas. Foi difícil para mim enquanto psicopedagoga lidar com essa falta de vontade e desinteresse do paciente. Em um dado momento, percebi as contratransferências

27

terapêuticas quando eu me sentia da mesma forma como ele se sentia: desinteressado, e sem condições de buscar novos rumos para além do jogo egocêntrico que mantinha. Foi possível, em supervisão, observar e trabalhar este fenômeno transferencial, em que sentimentos e fantasias do paciente invadem o consciente e subconsciente do terapeuta (Saiani, 2003). Se não houver um olhar atento do terapeuta, essas emoções podem passar despercebidas, e um material rico de trabalho é perdido. Quando há transferência, ocorrem projeções, defesas, identificações, medos e afetos, ativações de arquétipos e complexos. Transferir pode ser entendido como o deslocar algo para um lugar distinto. Na psicologia clínica, este conceito é muito difundido e significa atribuir um sentido especial àquela figura determinada pelo desejo. Instalada a transferência, tanto o analista como o professor, tornam-se depositários de algo que pertence ao analisando ou ao aluno (Saiani, 2003). Para entender este processo transferencial é importante lembrar que Mario veio ao consultório com uma queixa sobre sua incapacidade de aprender e sua falta de vontade de participar de atividades em grupo. Logo, ele comunicou esses problemas para mim, agiu como costumava agir nos espaços educacionais, ou seja, com muita resistência para atividades. Por outro lado, a sua resistência e passividade, remetiam também às experiências vinculares primárias em relação à sua autoconfiança e busca de diferenciação para conquistar sua autonomia do saber. Sua frustração, ansiedade e sentimentos de incapacidade emergiam impossibilitando a continuidade de suas fantasias que poderiam se ampliar como elaborações simbólicas expressas nas narrativas. Suas frustrações projetavam-se sobre o terapeuta mobilizando a negação e recusa a atender às solicitações para prosseguir suas elaborações simbólicas mantendo o diálogo terapêutico. Defesas que mobilizavam a contratransferência do terapeuta que era tomado por este estado de impotência e paralisação no setting terapêutico psicopedagógico. No entanto, com as tentativas associadas aos jogos simbólicos, valorizando as narrativas de Mario e lidando com as questões transferenciais, foi-se constituindo gradativamente o vínculo positivo. Trabalhei com esta dinâmica e conteúdo psicológico no sentido de respeitar a necessidade do meu paciente e abrindo um espaço em que era permitido que ele negasse sem ser punido. Acredito que tive que dar um “passo atrás” e questionar minha atitude enquanto “propositora” de tarefas. Mario precisava de uma escuta mais sensível para poder expressar toda sua angústia, frustração e revolta contra a obrigatoriedade de realizar tarefas e de expressar sua agressividade por meio da negação. Ao lidar mais com a



minha condição de escutar e entender sua resistência, consegui gradativamente me aproximar mais dele e conhecer melhor seus interesses e capacidades, dialogando com os símbolos que ele expressava: Mario começou a me contar sobre o “mundo dos dragões”. Vi que esse era um tema que ele gostava muito, a partir daí realizamos um projeto psicopedagógico com base nas representações simbólicas, ampliadas pelo seu grande poder de imaginar. As trocas de papel em que ele se imbuíu do seu saber foram muito interessantes, principalmente quando ele se colocava como professor em se tratando deste assunto associado às suas fantasias, apresentando de forma professoral os seus saberes com relação aos dragões para mim. Volto a ressaltar que o caminho de um projeto psicopedagógico só se abriu após a minha compreensão e elaboração em relação à transferência que estava ocorrendo nas sessões; isso demonstra a importância de se ter uma escuta clínica atenta à dinâmica psíquica inconsciente. Os atendimentos psicopedagógicos buscam as elaborações cognitivas, ou o foco nas produções de projetos, há objetivos de aprendizagem da linguagem e das construções de conceitos a serem alcançados; no entanto, o psicopedagogo deve prestar atenção a esta dinâmica transferencial e agir como o analista em psicoterapia. Neste sentido, coloco a teoria de Steinberg citado por Saiani:

A premissa... é de que os analistas, como consequência de um efeito inconsciente, descobrem neles mesmas reações que não podem explicar inteiramente em termos de sua própria psicologia. Essas reações só se tornam significativas quando consideradas em termos da psicologia do paciente. A intervenção terapêutica construtiva é a expressão de um intercâmbio em que conteúdos psíquicos passam inconscientemente do paciente para o analista e, depois, conscientemente, do analista para o paciente. O analista, com o conhecimento da psique e da própria imaginação, vivencia empaticamente o mundo do paciente e permite que sua própria psique reaja como reagiria a do paciente. Se o analista possuir menos defesas que o paciente, sua imaginação fornecerá assimilações – imagens, sentimentos e pensamentos- que indicam que é inconsciente no paciente. Esse é um processo consciente, através do qual o analista se relaciona com seu inconsciente de forma a poder entender alguma coisa sobre outra pessoa. (Steinberg apud Saiani, 2003, p. 107)

## 2.6 O projeto psicopedagógico: realização de um livro sobre dragões

Após essa fase transferencial e de melhor compreensão do que ocorria com Mario, de mudança de postura da psicopedagoga e de abertura de espaço para uma escuta mais sensível sobre o que estava acontecendo na transferência, iniciou-se um novo momento: o desejo do paciente aflorava e foi possível construir um projeto de “livros de dragões” mobilizando as características cognitivas e afetivas de um paciente que,

como já apontamos, apresentava predominantemente um estilo cognitivo-afetivo imaginário criativo (função intuitiva). Um importante objetivo psicopedagógico foi atingido: trabalhar dificuldades específicas de aprendizagem. No caso, podíamos exercitar a escrita, atentando e corrigindo erros ortográficos graves. Era possível também, nos momentos da construção do pensamento matemático, trabalhar com valor posicional do número, utilizando ainda o diálogo com o a metáfora do dragão, já que cada dragão possuía uma força mensurável e comparável às outras forças, chegamos a jogar dados e fazer batalhas entre dragões dando um aspecto lúdico a este aprendizado. É relevante destacar que a exploração do imaginário possibilitava a atuação das forças arquetípicas como a do herói associada a representações simbólicas do dragão. Aspecto que me mobilizou a aprofundar nas conceituações sobre os arquétipos segundo Jung e o que suas representações simbólicas dos contos de Mario revelavam.

## 2.7 As imagens arquetípicas que se apresentam na experiência psicopedagógica

Uma das principais diferenças entre a psicanálise e a psicologia analítica é a constatação que Jung fez sobre as forças do inconsciente coletivo que se conecta com a dinâmica do inconsciente pessoal. Ele coloca que existe um inconsciente coletivo que toda a humanidade compartilha. Nascermos e construímos imersos neste “mar” coletivo e dele emerge a dinâmica do inconsciente e a consciência pessoal que transcendem a individualidade, a dinâmica do Ego. Jung denominou essas forças do inconsciente coletivo de arquétipos. São forças que impulsionam a nossa psique e a cultura e que estão presentes nas histórias e nos mitos de toda a humanidade. No entanto, é importante fazer uma diferenciação entre as forças arquetípicas e o instinto associado à sexualidade e aos aspectos biológicos. O instinto representa a parte inferior da psique e o arquétipo a parte superior. Acontece um intenso vai e vem da energia psíquica (libido) ao longo de nossas vidas, ora o homem tem medo de se “afogar” na inconsciência instintiva, ora tem medo de se entregar ao mundo espiritual superior. Existe uma tendência humana a buscar essa dimensão espiritual, mas se ficarmos totalmente

30

entregues a ela, corremos o risco de uma esquizofrenia. “Quando coordenado, porém, o arquétipo fornece forma e significado ao instinto imagens, e o instinto fornece energia física ou bruta para as imagens arquetípicas” (Stein, 2006, p.95) e ajuda a psique a realizar o caminho espiritual até o “mar” para onde todos os “rios” confluem. Esse movimento pode ser expresso pela imagem do guerreiro que mata o dragão. Matar o dragão ou dialogar com ele significa encarar a própria sombra, o mal na sua essência, e assim assimilar essa energia (Stein, 2006). Diferentemente de Freud, Jung coloca que a energia psíquica, ou libido, abrange esferas que vão além da sexualidade. Não há apenas transferência erótica (relacionada à sexualidade). Todo conteúdo

ativado do inconsciente (arquétipos ativados ou complexos constelados) tende a aparecer em projeção e gerar transferências. Ou seja:

Jung abre a possibilidade de que sejam transferidos (ou projetados) conteúdos arquetípicos do inconsciente coletivo e não somente os conteúdos instintivos e reprimidos do inconsciente pessoal. (...) O fato é que acreditamos que a vivência de aprender e ensinar é arquetípica, de modo que não são simplesmente conteúdos pessoais que são projetados no professor. (Saiani, 2003, p.105-6).

Considerando essas forças arquetípicas, percebo que o arquétipo ativado neste momento de vida do meu paciente é o do Herói em conexão com o arquétipo do Pai. Essa constatação foi feita através da análise do conteúdo trazido por Mario, muitas narrativas sobre seres mágicos, dragões e lutas. Notei que meu paciente, estando na préadolescência, parece assustado com as forças dos instintos sexuais e procura se defender com uma atitude de personalidade mais introvertida. Sua libido mobilizada pela força do herói ultrapassa os limites do seu Ego. Se expressa com narrativas imaginárias intuitivas que simbolizam a luta e a derrota dos medos ultrapassando as sombras em busca da realização das conexões com o arquétipo do Pai e da integração do Self. Parece ser este o seu processo de individuação neste momento. Sua intuição está aflorada e ele parece estar assimilando questões relativas ao espírito humano, ao bem e ao mal, verdade e mentira, certo e errado, em busca do reconhecimento do Pai. Mario busca também, criar suas “armas” e “escudos” para lidar com os diferentes desafios da vida. Para compreender melhor o arquétipo, precisamos entrar na simbologia por trás do mito, que seria a via por onde este se manifesta. Neste sentido, “Não seria demais considerar o mito a abertura secreta através da qual as inexauríveis energias do cosmo

31

penetram nas manifestações culturais humanas.” (Campbell, 1949, p.6). “A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar” (idem, p.9). Cada indivíduo produz seus próprios símbolos e rituais de transformação através de sonhos ou de produções criativas. O mito do herói é um dos mais fundamentais e antigos da humanidade, representa o triunfo das forças do ego sobre a inércia e obscuridade do inconsciente. O herói possui diversas facetas e narrativas, mas o que é universal é sua força de vencer o mal. Não raro o herói consegue vencer com a ajuda de um “padrinho” superpoderoso (tenho dúvida de como escrever se é super-poderoso!) ou de forças surpreendentes que “surgem” no momento certo, seria entendido no plano simbólico como as representações arquetípicas do Self que mobiliza a reintegração da psique. As representações arquetípicas do Self, o mágico, o grande Mestre, de alguma forma, auxilia o herói em sua trajetória dando-lhe a força que falta. A figura do herói possui diversos perfis que representam diferentes momentos da mente humana ou da psique. Então temos o

herói mais primitivo, que pode ser chamado de trickster. Um tipo provocador que age exclusivamente para satisfazer seus desejos (Jung, 1987). E temos também o herói altruísta, que se sacrifica e vence o mal. A luta do herói contra o dragão simboliza claramente a busca do homem de vencer o mal. A única forma de se matar o dragão é encarando essa luta. Ou seja, a única forma do ego triunfar é entrando em acordo com seu poder destrutivo e, assim, subjugar e assimilar a própria sombra (Jung, 1987). Meu paciente, em suas histórias, transita por essas diversas facetas do herói. Muitas vezes ele é bem-humorado, incorpora um tipo de trickster brincalhão e provocador. Em outros momentos, ele se coloca como um herói pronto para salvar seu povo e que derrota forças terríveis do mal. Na verdade, foi possível observar claramente um amadurecimento de Mario ao longo desses dois anos. Mario ficou cada vez mais concentrado em suas atividades, aceitando muito mais as propostas, começou a falar de forma mais coerente e parou de fazer piadas escatológicas em excesso. Outro arquétipo bastante atuante em nossos encontros psicopedagógicos foi o do professor-aluno. O vínculo no atendimento psicopedagógico é caracterizado pela explicitação da relação que o paciente tem com o saber e com a figura do professor. No caso do atendimento de Mario, tentei ao máximo desvincular o meu papel de psicopedagoga com o de professora que exige que atividades sejam cumpridas. De qualquer forma, em nossos encontros, formou-se uma relação recíproca do aprender e do ensinar quando em alguns momentos eu o ajudava a aprender e em outros ele se colocava no lugar daquele que me trazia as informações e saberes sobre suas narrativas.

32

O arquétipo professor-aluno se expressa simbolicamente e nas atuações no nível da consciência em que entram em jogo aspectos da persona, do invólucro do ego em relação ao desenvolvimento dos papéis do professor e do aprendiz do terapeuta e do paciente. É importante que haja esta alternância entre terapeuta e paciente, o aprendiz e o que atua como aquele que orienta, do adulto e velho mestre (senex: sábio) e a criança (puer: eterno jovem).

A confrontação entre professor e aluno apresenta um paralelismo à tenção interior existente entre os estágios de adulto pensante e criança ignorante. Dentro do adulto, há uma criança que impele para o novo. O conhecimento do adulto torna-o rígido e fechado com respeito à inovação. Para permanecer emocionalmente vivo, o adulto deve conservar e cultivar o potencial de vida representado pela ingênua abertura e pela irracionalidade das experiências da criança que ainda não sabe nada. O adulto, por tanto, nunca para de crescer, para de alguma forma manter a saúde psíquica, é preciso conservar uma certa ignorância infantil. (Craig apud Saiani, 2003, p.111)

Neste capítulo, busquei fazer uma análise da relação que se estabeleceu no âmbito psicopedagógico e fazer uma aproximação desta relação com o contexto psicoterápico, já que o fator transferencial, de vínculo, as imagens e símbolos presentes neste

processo são semelhantes aos encontrados em uma terapia emocional com base teórica junguiana. Não obstante, busquei também colocar a singularidade do trabalho psicopedagógico e analisar a relação do paciente com a aprendizagem e como consegui intervir positivamente nesta relação. No próximo capítulo, irei seguir essa aproximação de áreas afins, já que irei me aprofundar na arte terapia e na pedagogia profunda.

33

### Capítulo III

#### RECURSOS DE ARTETERAPIA E O OLHAR DA PEDAGOGIA PROFUNDA: CAMINHOS AUXILIARES NO PROCESSO PSICOPEDAGÓGICO

Tratar os minerais como se fossem plantas, Os vegetais como se fossem animais,  
Os animais como se fossem homens, Os homens como se fossem deuses.

No capítulo anterior, apresentei uma releitura do caso com base na psicologia analítica de Jung. A partir daí, foi necessário pesquisar as ferramentas de arteterapia que usei durante este percurso. Gostaria de entender melhor como as atividades não verbais auxiliaram no processo psicopedagógico. Neste sentido, também meu olhar para a criança se modificou, a pedagogia profunda de Celine Lorthiois foi fundamental para a construção desse olhar e de uma prática implicada com a alma da criança. Assim, neste capítulo, irei apresentar esses temas e analisar algumas atividades realizadas. Ao longo dos atendimentos fui percebendo que era necessário respeitar o tempo de Mario; se negava a fazer muitas atividades ou fazia rápido, sem vontade. No entanto, também percebi que não podia simplesmente deixar a sessão livre e não levar propostas, pois meu atendimento com ele era em psicopedagogia e existe um objetivo, um projeto de ação concreto. Observei que para ele é importante lidar com o plano material, transformando-o. Desta forma, encontrei um caminho onde eu primeiramente pudesse respeitar e validar o desejo do paciente e ao mesmo tempo guiá-lo para um projeto mais dirigido, com um objetivo de aprendizagem. Utilizei recursos em arteterapia que me ajudaram a criar um vínculo positivo com Mario e a pedagogia profunda também me trouxe recursos artísticos e um olhar respeitoso para com a criança. Destacam-se temas ligados a criatividade e educação que será tratado neste capítulo.

#### 3.1 Pedagogia Profunda

Essa abordagem com a denominação de pedagogia profunda foi criada por Celine Lorthiois, pedagoga e mestre em psicologia da educação, a partir de sua atuação em atendimentos de crianças com dificuldades de aprendizagem e adaptação e do

34

desenvolvimento de práticas de ensino não formal. O olhar da pedagogia profunda para a criança me trouxe um norte para os atendimentos pois, em determinado momento, eu me sentia paralisada, frustrada e sem ideias para continuar trabalhando. Mario se negava a realizar qualquer atividade que propunha, não queria ler livros, não queria escrever e nem jogar jogos de tabuleiro. Muitas vezes, ficava deitado no chão, se negando a falar comigo, apenas contando histórias sobre seres mágicos e mundos perdidos, onde ele era um personagem superpoderoso. Para sair desse ciclo vicioso, o qual já foi descrito no capítulo anterior, busquei referências que pudessem oferecer caminhos de compreensão deste fenômeno. Assim, encontrei a pedagogia profunda como um bom complemento para meus estudos de psicopedagogia no Sedes, neste momento do trabalho com Mario. Essa abordagem é uma prática onde se busca incorporar o cuidado para com a psique infantil. Um ambiente descontraído é criado, e é permitido a criança expressar suas necessidades, características e possibilidades. Na pedagogia profunda, se utiliza referências de diversas áreas da cultura, em busca da compreensão da criança como um todo, e pautado no conceito de inconsciente coletivo de Jung, podemos encontrar símbolos universais que refletem algumas características infantis. O conceito de criança Shiva, conforme o conteúdo assinalado na pedagogia profunda, me foi útil para compreender melhor por que os comportamentos de Mario me incomodavam tanto. Ele “destruía” meu planejamento de sessão, tinha atitudes com as quais eu não sabia lidar, como por exemplo, se movimentar muito pela sala contando histórias sem linearidade, deitar-se ou virar de costas para mim e principalmente, não dar continuidade para suas ideias e projetos. Este último comportamento parece estar bastante enraizado, pois se manteve em menor grau durante todo o atendimento. Como citei no primeiro capítulo, houve uma grande evolução de Mario ao longo das sessões, após um ano e meio de trabalho percebi que ele se sentia um pouco mais capaz de realizar seus planos; isso ficou muito claro na confecção do livro de dragões. Porém, mesmo trabalhando naquilo que ele gosta e escolheu, Mario ainda não se empenhava para fazer as páginas do livro, ele queria fazer do jeito mais rápido, sem corrigir seus erros e foi com muita insistência que consegui mostrar para ele que era importante fazer um rascunho. As produções autorais de Mario são curtas e com muitos erros ortográficos e de pontuação. A única forma que encontrei para ultrapassar essa grande barreira colocada por meu paciente foi de respeitar sua posição. Encontrei uma manifestação espiritual nessas atitudes. Entendo que este garoto não se sentia atendido em suas necessidades, não parecia ter um lugar de voz em sua família, sendo

35

sempre tratado como “aquele que não sabe”, ele começou a produzir um sintoma de caos, inconstância e loucura. Outro fator importante é que, apesar dele ter idade de pré-adolescente, suas brincadeiras e falas ainda eram bastante infantis. Essas observações me levaram a fazer uma comparação deste momento de Mario com o

deus Shiva o que trouxe um sentido muito claro para os atendimentos, gerou um respeito muito grande em mim por aquela manifestação e me levou a fazer um trabalho para compreender melhor por que aquele comportamento estava me incomodando. Segundo Lorthiois, o Deus Shiva é descrito tanto como um sujeito de mau comportamento, identificado com loucos e mendigos, asqueroso e sem lei, quanto como um bom augúrio (significado do nome Shiva), auspicioso. De fato, ele é leal aos seus seguidores. E, de fato, a criança deveria ser shiva, mas, hoje em dia, muitas vezes, ela é ashiva: de mau augúrio. Com efeito, mal a criança aprende a se locomover e a orientar-se no nosso mundo, já apressamo-la a se transformar num ser instruído, num pré-adulto, munido do nosso orgulhoso código de escrita. Nega-se à criança o direito de ser infantil. Nela, traços de infantilidade são vistos como ashiva – de mau augúrio. Aparentemente, a criança não merece respeito. (Lorthiois, 2007 p.2)

Shiva pode tomar diversas faces. Em uma determinada passagem de um texto sagrado, sua esposa Sati se mata, pois Shiva não havia sido convidado pelo rei Daksha. Shiva então cria um gênio terrível que destrói tudo. Lorthiois aponta que muitas vezes nós adultos atuamos como o rei Daksha ignorando a criança em nossas discussões e decisões. É muito difícil para os adultos que já se esqueceram de sua própria criança interior, levar em conta a criança real que está ao seu lado.

A fidelidade (Sati) da criança para com seus genitores e o mundo adulto pode não sobreviver à afronta; então, livre desta fidelidade que a amarrava, a criança dá vazão a sua raiva, e, se erguendo num mundo de adultos que não a reconhecem, ela destrói, fere e invalida a primazia concedida às riquezas e às honras. Nessas horas, a criança assemelha-se ao Shiva Senhor das lágrimas, terrificante, destruidor das correntes que prendem as almas dos indivíduos. Por outro lado, quando o educador impõe tarefas que desconhecem a alma da criança, vedando seu direito a um existir mais pleno, ela sabe recusá-las categoricamente. Ela encarna então Shiva Nataraja, o Senhor da Dança, que esmaga com seu pé o demônio da (nossa) ignorância. A figura de Shiva, associada à imagem de uma criança dispersiva e destruidora, faz surgir às

36

vezes imagens equivocadas de movimentação frenética dos muitos braços do deus. Mas a criança-Shiva, que surpreende pela rapidez de suas ações inesperadas e às vezes perigosas, agitada, inquieta, na realidade é movida por uma explosão de possibilidades. Ela é possuída por um fogo interno, um anseio, uma força que a faz queimar as etapas de seus próprios projetos. Ela, como Shiva, força centrífuga de explosão da qual nasce o universo, está em busca da sua contraparte feminina Shakti, força centrípeta, de coesão; noiva simbólica da criança hodierna, Shakti, quando encontrada, organiza a matéria e controla a imaginação e loucura infantil. (Lorthiois, 2007, p.3 e 4)

O trabalho pedagógico consiste em educar-se o ser humano para que seja humano. Ser humano é um trabalho realizado entre terra e céu, é cumprir a tarefa de ressoar, estando colocado na terra e elevando-se até o céu. Talvez o papel mais puro e ideal do educador consista, conforme Lorthióis explica, em deixar o “som” próprio do educando ressoar e ser amplificado. Ser alguém capaz de transmitir a história do homem, alguém capaz de ensinar tradições e apresentar deus (totalidade). Muitas vezes é difícil saber qual é o desejo do educando, então só nos resta enquanto educadores treinar nossa atenção para com o processo do aluno. Isso não é fácil, pois deve-se abandonar a segurança e a rigidez de processos tradicionais de ensino.

O educador não pode concentrar-se em ser o portador da cultura de modo pacífico. Mas deve também desenvolver ativamente a cultura, e isso por meio de si próprio. Sua cultura não deve estacionar, pois, de outro modo, começará a corrigir nas crianças os defeitos que não corrigiu em si próprio. (Jung, p. 62 apud Saiani, 2003, p. 26)

Com essas colocações pretendo apontar a importância de trabalhar com múltiplas formas de expressão em psicopedagogia. A pedagogia profunda me ajudou a formar um olhar de reverência para a criança e de acreditar em sua liberdade.

### 3.2 A arte na visão da psicologia analítica

Primeiramente, é importante colocar a visão de Jung sobre a formação da psique através do inconsciente coletivo:

37

Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, assim também a psique possui um substrato comum. Chamei a este substrato inconsciente coletivo. Na qualidade de herança comum transcende todas as diferenças de cultura e de atitudes conscientes e não consiste meramente de conteúdos capazes de tornarem-se conscientes, mas de disposições latentes para reações idênticas. Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral independente de todas as diferenças raciais. Deste modo pode ser explicado a analogia, que vai mesmo até à identidade, entre vários temas míticos e símbolos e a possibilidade de compreensão entre os homens em geral. As múltiplas linhas de desenvolvimento psíquico partem de um tronco comum cujas raízes se perdem muito longe num passado remoto. (Jung apud Silveira, 2000 p.73)

O modo pelo qual se obtêm a harmonização entre consciente e inconsciente não é racional, ele se expressa em determinados símbolos. É através deles que emergem conteúdos que serão assimilados pelo ego. “Dessa união surgem novas situações ou estados de consciência. Essa união é a função transcendente” (Jung, 1939, p. 282). Essa função guia o ser humano para realizar sua individualidade de forma plena, tornando-



se assim um ser único, mas em relação de igualdade com todos os seres humanos. Este processo sofre grandes desvios e resistências e poucos indivíduos conseguiram realmente completar seu processo de individuação. No entanto, vamos nos focar neste caminho, onde somos levados a expandir nossas consciências através da assimilação de elementos inconscientes que vem à tona na forma de complexos e símbolos. Com isso, vamos nos aproximar da função da arte neste processo. A obra de arte deverá ser considerada uma realização criativa, aproveitando livremente todas as condições prévias. “Como uma planta aproveita o solo, mas ela não é o solo, é um processo em si que age conforme suas próprias leis e conforme aquilo que pretende ser” (Jung, 1985, p. 61). O consciente pode ser influenciado pelo inconsciente, mas também dirigido por ele. Podemos afirmar que o processo criativo é uma essência viva implantada na alma do ser humano, um complexo autônomo. “Esse leva uma vida independente e conforme sua energia e força pode se apresentar como simples distúrbio dos processos arbitrários da consciência ou como instância superior que pode tomar a serviço o próprio Eu” (Jung 1985, p. 64). Os complexos autônomos se desenvolvem em primeiro lugar de forma inconsciente depois atingem o limiar da

38

consciência e podem ser percebidos, mas isso não significa uma assimilação. Desta forma, podemos perceber que elementos profundos da alma humana estão em jogo quando se cria uma obra de arte. Buscar um sentido para a produção artística requer que tenhamos uma intuição aguçada e uma percepção sutil dos símbolos inconscientes que emergem na forma de arte. Surge também a possibilidade de uma analogia com fenômenos patológicos, pois estes são caracterizados por complexos autônomos. A fúria do artista se parece com o estado patológico, mas a existência de um complexo autônomo não significa que haja uma doença mental. A origem da obra de arte não deve ser procurada no inconsciente pessoal do autor e sim no símbolo presente na obra, na mitologia do inconsciente coletivo. O processo criativo consiste em uma ativação do arquétipo e de uma elaboração e formalização na obra acabada. De certo modo, a formação da linguagem primordial é uma transcrição para a linguagem do presente do artista dando a cada um a possibilidade de encontrar o acesso às fontes mais profundas da vida, que de outro modo lhe seriam negadas. “É aonde se encontra a significação social da obra de arte, ela trabalha continuamente na educação do espírito da época. Pois traz à tona as formas das quais a época mais necessita. A arte representa um processo de auto-regulação espiritual na vida das épocas e das nações” (Jung, 1985, p.71).

### 3.3. Criatividade e educação

No sistema educacional, o aprendizado artístico costuma ficar circunscrito a aulas específicas. Espera-se que o aluno use sua criatividade apenas nestes momentos, criando algo autêntico. A partir de um olhar crítico, podemos observar que a

criatividade tem sido entendida como originalidade, ou seja, se espera da criança que faça coisas novas, desenhos a partir de folhas em branco. A criatividade fica restrita, ela deve ser exercida apenas no ambiente de uma aula de artes, fora deste âmbito não é valorizada e muitas vezes é reprimida. Segundo Lorthiois, criatividade é a disposição de suprir necessidades pessoais e conseguir se desenvolver, mesmo que para isso seja necessário regredir um pouco. É o esforço da pessoa em direção à autonomia, ou seja, obediência à própria lei. A criatividade leva a uma maior harmonia grupal, pois se o indivíduo tem liberdade para se expressar e agir conforme sua individualidade criativa, em um primeiro momento pode parecer caótico, mas ele irá garantir uma relação mais plural e orgânica com o coletivo do que se sua criatividade for restringida.

39

Para nós, “o fazer criativo” favorece o desenvolvimento global (motor, afetivo e cognitivo), autodescoberta, autoconhecimento, autoexpressão, autoconceito positivo, desabrochar do imaginário, flexibilidade, conquista da autonomia, transformar a realidade e a si mesmo, entre outras coisas. Além de ser um canal de expressão, configuração e materialização dos conflitos e afetos. (Rocha, 2009, p. 112)

#### 3.4 Elaboraões analíticas a partir das representações simbólicas expressas nas narrativas do paciente

Meu paciente se mostrava muito criativo e espontâneo na arte de contar e ouvir histórias. Ele criava narrativas com facilidade, ainda que pouco elaboradas e confusas, são histórias onde ele se envolve profundamente. Quando eu trazia algum conto falado, ouvia atentamente. Foi interessante quando contei para ele a história do “Gato de Botas”. Essa história surgiu a partir de um interesse dele por animais de estimação. Mario ouviu atentamente a história e começou a interagir com a narrativa fazendo a fala de alguns personagens. Isso ocorreu em uma de nossas últimas sessões e seria um projeto para desenvolver posteriormente. Já na área das artes plásticas ele não demonstrou ter a mesma facilidade para se apropriar das propostas. Quando percebi que ele tinha grande dificuldade e pouco interesse em realizar alguma produção a partir de uma folha em branco, comecei a oferecer imagens prontas, fomos buscar figuras de dragões para colorir ou recortar.

#### Narrativas sobre dragões

O projeto mais importante que realizamos foi o “Livro dos Dragões”. A partir de um interesse dele, colamos essas figuras em folhas coloridas; ele se utilizou de um modelo, para criar o seu livro, se baseou nas cartas do Super-Trunfo e no livro de dragões do filme “Como domar seu dragão”. Em cada página, ele escrevia características, força e “habitats” dos dragões; essas páginas foram ilustradas com colagem e desenho. Mario pintou a capa e contou uma história para colocar no livro. Este trabalho foi dado como um presente de fechamento do ano de 2015. Acredito

que só foi possível realizar esse projeto, pois fui acompanhando os desejos do paciente e mostrei caminhos de expressão plástica para suas ideias. Foi denso e muito rico, possibilitando desdobramentos de muitas elaborações subjetivas e diálogos. Dentro da mesma temática, construímos um

40

escudo, espada e facas de papelão. Tendo assim, trazido para o âmbito teatral os heróis que compunham a narrativa das fantasias de Mario. Abaixo segue a narrativa construída por Mario que integrou o livro e foi a única produção autoral que consegui dele durante esse tempo:

Há quarenta anos, houve uma aliança entre dragões e vikings. Então, os dragões não queriam fazer a aliança e resolveram extinguir os vikings. Um bando de unicórnios, ouviu as explosões na aldeia dos seus amigos vikings. Eles foram correndo para batalhar. Muitos unicórnios morreram, mas um sobreviveu. Ele lutou contra os dragões. Os soldados morreram, mas o rei estava vivo. O unicórnio foi até a montanha para procurar o rei. o rei disse: - Cade meus soldados? - Derrotei todos eles – disse o unicórnio. O rei voou em direção ao unicórnio. Então, quando o unicórnio estendeu o chifre para frente do coração do dragão, o sol apareceu. O dragão se protegeu da claridade e se distraiu. Era a chance do unicórnio matar o dragão. ele correu na direção do dragão e seu chifre perfurou o coração do dragão. o unicórnio se tornou o rei dos unicórnios. ele se casou, teve dois filhotes de unicórnio, um macho e uma fêmea. o nome dele era willy bic. o unicórnio morreu, e deu o chifre para seu filho. (Narrativa do paciente Mario)

Nesta narrativa, segundo elaborações analíticas, fica bem evidente a presença do mito do herói associado ao arquétipo paterno. O herói neste caso parece ser o unicórnio e ele enfrenta os dragões junto com outros da mesma espécie. Existe forte a figura do rei e o herói passa sua herança para o filho. Em uma perspectiva psíquica, há uma projeção do sujeito narrador Mario, em que as representações simbólicas do unicórnio revelam seu próprio processo de individuação; este animal, símbolo mitológico da pureza, luxo e força, tem uma necessidade de lutar, que pode se associar ao desejo do paciente em relação a superação de seus conflitos. Se pensarmos que o arquétipo do herói tem como

41

função psíquica fazer a diferenciação e integrar o biológico e o psíquico espiritual. Isto é, a dimensão animal e humano em busca de completude (Self). O herói expressa segundo o enfoque analítico a integração do eixo ego e Self. Podemos supor que o unicórnio traz consigo essa mensagem. Ele enfrenta seu oponente e vence a luta introduzindo seu chifre no corpo do dragão. Este golpe pode simbolizar a introdução do divino (chifre) na criatura, este marco simbólico é importante no processo de

individuação do ser humano, já que seria um momento onde este se diferencia do aspecto biológico e hereditário da criação e assume uma personalidade, um espírito, em busca da integração da psique e do Self considerado como uma dimensão do Divino.

O dragão é um símbolo milenar que representa a sombra que deve ser vencida ou um guardião de portal. Nesta história, o Rei Dragão (símbolo do arquétipo do pai) é o inimigo; Mario revela uma representação simbólica de enfrentamento do pai, ou no que ele representa culturalmente; no sentido de ser um representante da ordem, do poder e da disciplina. Mario, simbolicamente, liberta-se e tornando-se o salvador de seu povo.

Nesta representação arquetípica em relação ao pai, apresenta-se uma característica forte de quebra de aliança, o rompimento de um contrato. Fica a hipótese de que não há acordos nem negociações com relação aos desejos o que denota um conflito no nível do arquétipo do pai. Essa falta de acordo leva a necessidade que o herói tem de matar o dragão; se pensarmos no arquétipo do pai negativado na sombra da cultura familiar, representando as imposições excessivas de ordem, da obrigação ou aquilo que já está dado. Podemos supor que o herói (ego) unicórnio consegue se sobrepor à sombra da cultura e deferir um golpe com seu chifre. Acredito que Mario está buscando diferenciações de seu ego por meio de defesas contra situações onde ele se sente obrigado a fazer algo. Essa defesa pode também representar algo oposto: Um movimento psíquico de não crescer, uma vontade de manter inconsciente essa força heroica de diferenciação e libertação em busca da autonomia. É possível levantar hipóteses sobre um movimento ainda ambíguo do paciente, de acionar a luta, mas regredir para um lugar mais passivo, que sugere um momento de transição em direção ao desenvolvimento da autonomia no nível do real.

É interessante notar que o rei desaparece e o unicórnio toma seu lugar. Neste sentido há um triunfo do herói sobre a sombra, uma vitória total. Essa anulação do poder da sombra, parece um tanto radical e talvez prejudicial, já que representa um meio

42

da elaboração imaginativa que o distancia da realidade, onde se apresentam os sentimentos e frustrações associadas a castração paterna.

3.5 O que se revela em relação aos estilos cognitivo-afetivos?

Do ponto de vista dos tipos psicológicos ou derivações dos estilos cognitivoafetivos, observamos uma história essencialmente intuitiva (ficção e imaginação) expressa com metáforas míticas, o que denota que este paciente neste momento foi tomado pela sua função intuitiva que parece muito desenvolvida; ela atua como mecanismo de defesa, necessita de elaboração e ações no plano material existencial. A este estilo de

narrativa, somam-se outros dados já citados no capítulo II. Podemos então deduzir que este paciente tem uma predominância do estilo intuitivo, que deve ser valorizado, mas articulado com vivências reais. Chama a atenção que simbolicamente, Mario parece estar afirmando o modo de ser intuitivo como uma habilidade que tem seu lugar no mundo. Se considerarmos o herói da história como uma projeção de sua personalidade, podemos entender que este sujeito intuitivo encontra uma forma de estar no mundo, vencendo o dragão e afirmando sua força. Por isso, é importante trabalhar para fortalecer a função superior (intuição) e integrando com sua auxiliar (sentimento) em psicopedagogia, para que haja uma elaboração subjetiva e sensório perceptiva em busca da atuação no concreto e da autonomia. As mediações psicopedagógicas buscam a transição entre diversos aspectos cognitivos e afetivos, seria um aspecto importante para que Mario desenvolva seu aprendizado e sua psique. Ir gradativamente possibilitando que ele fale mais sobre suas questões existenciais e de sentimento e que também possa desenvolver o raciocínio lógico do pensamento. Por isso, seria interessante continuar trabalhando com mitos, trazendo talvez fábulas, aprofundando os personagens, para que haja um maior repertório de metáforas, ampliando o pensamento mítico de Mario e desdobrando-se em elaborações subjetivas e pensamentos associados a percepção de si. As histórias, do ponto de vista das articulações de pensamento e linguagem, podem ajudá-lo também a entender melhor as ordens dos fatos, saber colocar os eventos em relação de causa e efeito e assim ir se aproximando da sua função inferior, a sensação. Seria interessante recontar essa história com ele, trazendo para o dia a dia, contando como e em quanto tempo ele pode ter os poderes do herói, tentar fazer uma ligação com fatos de sua vida diária.

43

### 3.6 Conceitos básicos em arteterapia e apresentação de alguns recursos utilizados no atendimento

A Arteterapia é uma forma de linguagem que permite a pessoa comunicar-se com os outros, possibilitando tanto a liberdade de expressão quanto a resistência da autonomia, ampliando o seu conhecimento sobre o mundo e proporcionando o desenvolvimento social e emocional. Dessa forma, a Arteterapia utiliza a Arte como subsídio no trabalho de expressão, de comunicação e de linguagem, possibilitando a troca de energia e sensações entre o criador e o elemento criado. A arte ajuda no desenvolvimento da criatividade, expandindo os meios de comunicação entre as pessoas. (Duarte, 2011)

Conforme a autora, toda pessoa que se depara com sofrimento físico ou psíquico se expressam melhor de forma simbólica utilizando as linguagem artísticas. A arteterapia pode ser um caminho para essa expressão, ela é considerada um processo terapêutico que utiliza os meios de expressão artísticos. É possível ver a arte como um auxílio para

que as pessoas possam explorar, descobrir e entender suas ideias e sentimentos; possibilitando a expressão, favorecendo sua autoestima, reduzindo as ansiedades e melhorando a qualidade de vida. Todas as formas de expressão artística têm o poder de cura, no sentido de possibilitar ao indivíduo ou ao grupo a expressão de suas emoções, sentimentos, percepções, sensações e conflitos. Esse movimento pode libertar o sujeito da rigidez e aprisionamentos que caracterizam as doenças. No exercício de expressar, diferenciar, organizar e ampliar, esses indivíduos buscam a criação de ampliar as possibilidades de ser no mundo.

De fato, toda representação onde há uma margem de escolha e de arbitrário pode ser considerado como pertencente a uma ordem da criatividade, visto que o sujeito propõe uma combinação particular que não existiria sem ele. A representação criativa tem sempre uma dose de redundância que constitui seu estilo e uma dose de originalidade que faz sua diferença. Mais que representar alguma coisa, a obra criativa representa seu autor, uma época, uma cultura. (Pain e Jarreau, 1996, p. 43)

A arteterapia busca abranger todos os tipos de expressão artística, mas em muitos casos, ela se aprofunda nas artes plásticas, explorando formas, cores texturas e suportes. A cor

44

em sua essência é luz; nesta perspectiva, podemos considerar a cor em seu aspecto simbólico de fonte geradora da vida e energia pura. O ser humano buscou reproduzir as cores da natureza usando a alquimia das plantas, metais e elementos químicos. Desta forma, podemos expressar as mais diversas sensações, sentimentos e emoções da vida e da história. Os recursos tridimensionais abrem possibilidade de diálogo com o orgânico, o concreto, mobilizando as sensações sinestésicas e táteis. Podemos trabalhar de forma sutil com o barro, resgatando sensações primitivas tanto com a escultura em materiais mais densos como a madeira onde se pode ter contato com a agressividade. É fundamental dialogar com o sentido que cada pessoa atribuiu para cada uma dessas vivências; são diálogos com os significados singulares atribuídos por quem os expressa, relacionando mobilizando o imaginário e expressando seus pensamentos e sentimentos sobre seus conflitos, seu imaginário. “Muitas pesquisas destacam o quanto o contato com materiais resistentes como a pedra, a madeira, o metal, o arame, mobilizam uma relação maior com o sensorial, o concreto e o cinestésico no diálogo com a força” (Fagali, 2004 p.232). Acredito que este seria um caminho importante para trilhar com Mario, não tive a oportunidade de usar esses materiais com ele, acabei priorizando outros trabalhos, mas seria importante para fortalecer seu contato com o real, mobilizar sua força de ação heroica, mobilizando a atuação criativa no contato da resistência com esses materiais. Se considerarmos a expressão criativa e imaginativa medida pelo contato e ação da força sobre o material resistente, as mobilizações poderiam se desenvolver, do ponto de vista da

simbolização analítica, no nível da dinâmica arquetípica, associada ao patriarcado do contato, resistência e frustração da lei, da ordem, da diferenciação e do poder ativo diante da ação controladora do outro, da cultura de quem exerce o poder paterno. Essas reações e sentimentos associadas a dinâmica arquetípica do herói estão pouco fortalecidas no paciente Mario. Neste sentido, Ferretti aponta que “o processo de arteterapia vai se firmando a medida que os diferentes aspectos presentes na produção fazem sentido como traço da personalidade da pessoa, que elabora a imagem pintada e a transforma de múltiplas maneiras.” (Ferretti, 2005, p. 14). Esse aprofundamento também ocorre em psicopedagogia, podemos considerar que o projeto é também uma obra de arte já que contém criatividade, traços da personalidade e é um produto que reflete um momento da aprendizagem do indivíduo.

45

A medida que vamos trabalhando o material, vivemos sensações e percepções despertadas pelo contato com o objeto, que vai tomando vida aos nossos olhos. Ao mesmo tempo que cada impressão torna-se a extensão do nosso corpo. Assim, em dado momento, a imagem desperta nossos sentimentos, conduzindo os conteúdos inconscientes para a consciência. (Ferretti, 2005, p, 16)

Com Mario, pude perceber a força simbólica do herói principalmente nas representações metafóricas muito ricas em suas narrativas. Percebi também que o paciente gostava de usar da linguagem dramática, utilizando-se de solilóquios nas sessões, isto é expressava com palavras como se estivesse falando consigo próprio, recursos tão usados nas técnicas dos psicodramas. Foi por meio desse caminhar por formas diferentes de expressão artística que pude notar o quanto sua autoestima foi se fortalecendo.

A fim de esclarecer com experiências práticas sobre os procedimentos arteterapêuticos, serão descritas e interpretadas a seguir três atividades de arteterapia realizadas no processo psicopedagógico que considere com muito significado por me ajudarem na construção do projeto psicopedagógico, mantendo as expressões criativas, projeções psíquicas e elaborações possíveis de desenvolverem durante as sessões.

\* Construção da Mandala com velas :

Trata-se de uma técnica onde se pinga a cera quente da vela acesa em um recipiente com água. Depois de algum tempo, e muitas gotas de cera, é possível retirar uma espécie de medalha de cera, podendo ser colorida ou não. Essa atividade trabalha atenção, paciência, cuidado e criatividade. O resultado se assemelha a uma Mandala que significa círculo e para Jung representava o self (totalidade do ser) “(...) trazendo

em si muitos elementos simbólicos para interpretação” (Fincher, 1998 p.14).  
centração, levando a um estado meditativo e contemplativo.

Mario gostou muito da atividade. Percebi que, lhe encantou o caráter mágico do fogo e do resultado final. Estávamos ainda nas primeiras sessões e essa atividade possibilitou um grande vínculo dele comigo. A experiência possibilitou um clima de relaxamento, que o acalmou e permitiu que ampliasse os diálogos que se seguiram, dele consigo próprio e comigo. Mario levou sua Mandala como um amuleto para casa, a interação

46

com o elemento fogo lhe trouxe uma sensação de poder e controle da situação. Ele trocou de cor muitas vezes, gostava do ato de acender e apagar as velas.

Segundo minha percepção, ele ritualizou essa atividade, pois respeitou todos os combinados, encarou a vela que sempre ficava acesa como guardião do fogo e ficou quase a sessão inteira produzindo-a. Movimentos que revelavam um nível de expressão do seu processo de renascer e transformar (ritos mobilizadores do processo de individuação).

\* Bolas de natal:

Escolhe-se um pote cilíndrico de vidro ou plástico transparente, depois, deve-se construir uma estatueta de massinha dura usando a tampa do pote como base e colando muito bem. Enche-se o pote com água junto com purpurina, brocal ou lantejoulas. Fecha-se o pote, a estatueta fica submersa. Quando o pote é virado, os brilhantes caem, criando um efeito visual que se assemelha a neve.

Nós construímos uma bola dessas juntos, com massinha e purpurina. Ele construiu um vulcão soltando lava. Entendi como um belo retrato de seu momento atual: pré-adolescente com sentimentos e sensações borbulhando em seu corpo. Minha hipótese é de que a erupção do vulcão nos remete a forças inconscientes arquetípicas tanto pessoais quanto coletivas. A lava que surge das profundezas e depois se torna rocha, pode ser um símbolo de forças arquetípicas atingindo a consciência. Mario demonstra ter uma abertura grande para que as lavas de seu inconsciente aflorem e tragam conhecimentos sobre si mesmo, o outro e o mundo. Mesmo que essas forças infernais possam trazer medo, Mario parece ter uma atitude heroica sobre este momento e encarar com coragem seus desafios.

\* Construção de jogos e mapas :

Construímos juntos uma série de jogos de tabuleiro e alguns mapas do tesouro. Essas atividades davam abertura para que Mario contasse histórias e escrevesse algumas



palavras autorais. Com esses jogos conseguimos trabalhar um pouco com soma de dado, atividade que Mario demonstrou ter muita dificuldade.

47

Do ponto de vista do pensamento analítico, o mapa do tesouro nos remete as decifrações dos mistérios sobre os valores que se encontram escondidos e a busca heróica dessas forças vitais que ainda se encontram enterradas no inconsciente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, primeiramente apresentei uma releitura do atendimento clínico de Mario, a partir do que foi registrado e discutido em supervisão. Fiz um relato com a ideia de descrever uma trajetória apontando os momentos mais significativos, os métodos utilizados e as questões que foram surgindo. No capítulo II aprofundei questões referentes a transferência e formação de vínculo, dando atenção a importância da formação de uma relação transferencial positiva para que haja aprendizagem. No caso, foi importante notar que meu paciente se mostrou resistente às atividades e eu precisei dar um passo atrás e perceber melhor sua personalidade, respeitando seu tempo. Neste capítulo também explorei as imagens arquetípicas presentes no processo, entrando em contato com o mito do herói e com o arquétipo do professor aluno. Foi possível identificar em meu paciente o tipo psicológico intuitivo introvertido e a derivação cognitivo-afetiva com dominância do estilo imaginativo.

No capítulo III foi colocado foco nas contribuições da pedagogia profunda conforme os conceitos já ressaltados que me forneceu material significativo em relação as condições da criança, do educador e o valor da criatividade. Foi colocado em destaque a importância dos recursos de arteterapia com ênfase em algumas técnicas consideradas como muito significativas para o desenvolvimento de Mario e as elaborações e análises de suas construções, segundo o pensamento simbólico analítico. Foi possível então buscar o sentido de se trabalhar com arte nos atendimentos psicopedagógicos. O papel da expressão artística e seu poder de cura foi examinado dando foco aos trabalhos desenvolvidos com o paciente. Nessas atividades e narrativas foram valorizadas a capacidade intuitiva de Mario e as possíveis integrações do pensamento do sentir e do fazer, segundo as características e referências pedagógicas associadas aos estilos cognitivo-afetivos

Percebi que as abordagens teóricas utilizadas e elaboradas nesta monografia foram fundamentais durante o processo de formação do vínculo e da confecção dos projetos, que possibilitou o trabalho com o cognitivo integrado ao afetivo. Estas conceituações e análises se ampliaram depois durante a confecção da presente monografia, ao retomar a experiência e aprofundar nas análises em função das pesquisas e elaborações teóricas principalmente sobre arteterapia e as concepções analíticas de Jung.

Em síntese, com todos estes estudos, pude ter uma visão muito mais ampla de meu paciente, compreender melhor todos os processos que passamos e ter ideias para uma continuidade de nosso trabalho. É muito importante conhecer a dinâmica da personalidade de nossos pacientes mesmo sendo um atendimento psicopedagógico que tem como foco a aprendizagem e como um dos principais objetivos o desenvolvimento cognitivo integrado ao afetivo. O trabalho psicopedagógico só foi

possível graças a essa escuta mais atenta e aos links com a psicologia analítica, os recursos da arteterapia e as contribuições da pedagogia profunda. Gostaria de salientar a importância da continuação de estudos relacionados aos estilos cognitivos afetivos e a relação entre psicopedagogia, arteterapia e pedagogia profunda.

Considero que é importante este estudo que valoriza as narrativas e as expressões simbólicas dos pacientes, segundo a dinâmica psíquica e expressões ressaltadas pelo pensamento analítico (Jung), que considera como significativo o valor das metáforas, da imaginação e da intuição, aspecto fundamental para o trabalho psicopedagógico com qualquer paciente e sobretudo com aqueles que apresentam um estilo imaginativo preponderante, e que expressa seus sentimentos e conhecimentos mobilizados pela intuição. Esta compreensão e procedimentos que se apoiam nas expressões e mobilizações intuitivas possibilita um melhor desenvolvimento cognitivo afetivo e avanços na aprendizagem. Não existem muitos trabalhos desenvolvidos nessa área, com este enfoque nos diferentes estilos cognitivo-afetivos e no pensamento analítico considerando o processo do aprender. É preciso ainda aprofundar teoricamente sobre o assunto e demonstrar práticas que destaquem a importância da intuição no aprendizado e dar maior valor às narrativas expressões dos aprendizes introvertidos intuitivos. Esta valorização do imaginário intuitivo, dos diferentes estilos cognitivo-afetivos e da narrativa integradas a arteterapia ainda precisam ser mais enfatizadas na experiências de aprendizagem. A intuição ainda não é muito valorizada no sistema educacional, no entanto, intuição e criatividade andam de mãos dadas e são elementos fundamentais para a resiliência das pessoas e aprendizes, frente aos conflitos e ameaças geradas pelos diferentes fatores psíquicos sócio culturais, fisiológicos que geram problemas emocionais, comportamentais e de aprendizagem.

## **BIBLIOGRAFIA**

CAMPBELL, J. (1949). O herói de mil faces. São Paulo: Cultrix. 1997.

FINCHER, S. F. O autoconhecimento através das Mandalas. São Paulo: Pensamento, 1998. FAGALI, E. As construções de Carl Jung e articulações com outras abordagens em busca de novas construções para uma prática terapêutica – educacional

\_\_\_\_\_ Cadernos Integração – Interação diagnóstico e intervenções psicopedagógicas. São Paulo, 2010.

FERRETTI, V. R. Arteterapia: O cuidado com o profissional da saúde. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Dissertação de mestrado, 2005.

DUARTE, C. A. Intuição e Resiliência - Uma combinação possível no trabalho com crianças no contexto de reabilitação. Revista Construção Psicopedagógica, São Paulo 2011, vol.19, no.18, p.25-37.

JUNG, C. Tipos psicológicas. Guanabara, 1991.

\_\_\_\_\_ O Homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

\_\_\_\_\_ (1939) Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Petrópolis: Vozes, 2000. OC, vol. IX. \_\_\_\_\_ O espírito na arte e na ciência. Petrópolis: Vozes, 1985. LORTHIOIS, C. Exercícios de pedagogia profunda: uma inclusão da alma na educação. São Paulo: Paulus, 2006. \_\_\_\_\_ Shiva nas escolas, nos lares, nas oficinas de artes, shiva em toda parte. Revista Abcducation, São Paulo, volume 69, 2007.

SAIANI, C. Jung e a educação: Uma análise da relação professor aluno. Escrituras, 2003  
SILVEIRA, N. Jung vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e terra. 2000. STEIN, M. Jung o mapa da alma uma introdução. São Paulo: Cultrix, 2006.

VON FRANZ, M. L. A tipologia de Jung. São Paulo: Cultrix.1990.

### Sites Consultados

VAL, M. G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? Salto para o futuro/TV escola  
[www.tvebrasil.com.br/salto\\_alfabetizacao\\_e\\_letramento](http://www.tvebrasil.com.br/salto_alfabetizacao_e_letramento)